



**INSTITUTO
FEDERAL**

Goiás

Câmpus

Aparecida de Goiânia

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS -
IFG**

**CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – Rede PROFARTES**

KESIA DOS SANTOS RAMOS

**PESQUISA BASEADA EM FANZINES: RELATOS INSURGENTES DO
TRABALHO DOCENTE EM ARTES VISUAIS**

**APARECIDA DE GOIÂNIA
2023**



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☒ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☐ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: KESIA DOS SANTOS RAMOS

Matrícula: 20211090120040

Título do Trabalho: PESQUISA BASEADA EM FANZINES: RELATOS INSURGENTES DO TRABALHO DOCENTE EM ARTES VISUAIS.

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data 18/11/2023 (Embargo);
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Após indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Aparecida de Goiânia, 12/ 07/ 2023.

Local

Data

Kesia dos Santos Ramos

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

KESIA DOS SANTOS RAMOS

**PESQUISA BASEADA EM FANZINES: RELATOS INSURGENTES DO
TRABALHO DOCENTE EM ARTES VISUAIS**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Artes, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Artes.

Área de Concentração: Ensino de Arte.

Linha de Pesquisa: Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes.

Orientador(a): Prof. Dr: Alexandre José Guimarães.

APARECIDA DE GOIÂNIA
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R175 Ramos, Kesia dos Santos

Pesquisa baseada em fanzines: relatos insurgentes do trabalho docente em artes visuais. / Kesia dos Santos Ramos. - Aparecida de Goiânia, 2023.

114 f.; il.

Orientador: Dr. Alexandre José Guimarães.

Dissertação (mestrado) – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia, Programa de Pós-Graduação em Artes - PROFARTES, 2023.

1. Pesquisa educacional baseada em arte. 2. Pesquisa baseada em fanzines. 3. Ensino de artes visuais. 4. Educação básica. I. Título.

CDD 707

Catalogação na publicação:
Thalita Franco dos Santos Dutra – CRB 1/2186



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - Rede PROFARTES

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO

Aos sete dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e três, às 14 horas e 30 minutos, no Instituto Federal de Goiás - Câmpus Aparecida de Goiânia, situado na Av. Universitária Vereador Wagner da Silva Ferreira, Qd 1, Lt 1-A, Parque Itatiaia, na cidade de Aparecida de Goiânia, Estado de Goiás, foi realizada a sessão pública de defesa de Trabalho de Conclusão de **KESIA DOS SANTOS RAMOS**, discente do Programa de Pós-Graduação em Artes - Mestrado Profissional em Artes, autora do trabalho intitulado **PESQUISA BASEADA EM FANZINES: RELATOS INSURGENTES DO TRABALHO DOCENTE EM ARTES VISUAIS**. A banca foi composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. Alexandre José Guimarães; Prof^a. Dra. Leda Maria de Barros Guimarães; Prof. Dr. Edgar Silveira Franco, Prof. Dr. Gazy Andraus, sob a presidência do primeiro. Após a apresentação do trabalho, tendo sido a autora arguida pela Banca Examinadora, a mestranda foi considerada **APROVADA**. Os avaliadores recomendam: a continuidade da investigação em outros níveis e a publicação do trabalho em formato de artigos, manuais, livretos, dentre outras possibilidades.

Encerra-se a presente sessão às 16 horas e 25 minutos. Eu, Prof. Dr. Alexandre José Guimarães, dato e assino a presente ata, que segue assinada por todos os membros da banca e pela discente.

(assinado eletronicamente)

Prof. Dr. Alexandre José Guimarães
Presidente da Banca - Orientador (IFG)

(assinado eletronicamente)

Prof^a. Dra. Leda Maria de Barros Guimarães
Membro Interno (UFG)

(assinado eletronicamente)

Prof. Dr. Edgar Silveira Franco
Membro Externo (UFG)

(assinado eletronicamente)

Prof. Dr. Gazy Andraus
Membro Externo (UFG)

(assinado eletronicamente)

Kesia dos Santos Ramos
Discente do Mestrado Profissional em Artes

Documento assinado eletronicamente por:

- Edgar Silveira Franco, Edgar Silveira Franco - Docente - Ufg [01567601000143], em 11/07/2023 11:18:09.
- Gazy Andraus, Gazy Andraus - Outros - Ufg [01567601000143], em 10/07/2023 16:32:51.
- LEDA MARIA DE BARROS GUIMARÃES, LEDA MARIA DE BARROS GUIMARÃES - Outros - Ufg [01567601000143], em 10/07/2023 13:44:40.
- Kesia dos Santos Ramos, 20211090120040 - Discente, em 10/07/2023 11:44:58.
- Alexandre Jose Guimaraes, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 10/07/2023 11:00:01.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 06/07/2023. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 428059
Código de Autenticação: 516529e175



*Dedico a todos me olharam com amor,
seguraram minha mão e me ajudaram a
seguir até ao final dessa jornada.*

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento e por acreditarem nesse projeto.

Ao Programa de Pós-Graduação em Artes - Mestrado Profissional em Artes/ Rede PROFARTES no Instituto Federal de Goiás – Campus Aparecida de Goiânia, por me proporcionar a oportunidade de estudar.

Aos professores Dr. Alexandre José Guimarães, Dr.^a Leda Maria de Barros Guimarães, Dr. Edgar Silveira Franco e Dr. Gazy Andraus, por aceitarem a missão de colaborar com meu trabalho e me ensinar a cada dia.

Às doutoras Paula Sandra Marques e Maria Helena D. V. Breseghelo, pelo cuidado.

A todas as colaboradoras dessa pesquisa.

À Diane Valdez e Edilene Batista, por tanto me inspirarem.

À minha mãe, minha avó; minha tia; minha madrinha e meu padrinho, Maria Lúcia, Iraci Lúcia, Márcia, Sílvia e Alexandre pelo incentivo.

À minha família de coração, Icoana Laís, Igor e Eva.

A Lourenço, em memória, pelas risadas.

Aos amigos que fizeram parte dessa jornada e me apoiaram nos momentos mais difíceis: Claudine Sousa, Cristiane Ramos, Cejana Rodrigues, Hudson Ayres Livia Assis e Mauricio De Lavenère.

A Lucas Nakamura, pelo cuidado e apoio.

RESUMO

O presente trabalho narra, descreve e faz reflexões a partir de uma perspectiva criativa sobre meu percurso investigativo como pesquisadora-professora-artista durante o curso de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Artes – Mestrado Profissional em Artes/ Rede PROFARTES no Instituto Federal de Goiás – Campus Aparecida de Goiânia, entre os anos de 2021 e 2022. Este estudo tem teor qualitativo na perspectiva de uma Pesquisa Educacional Baseada em Arte e vem de experiências múltiplas do trabalho docente em artes visuais e da minha criação em fanzines. O objeto dessa pesquisa é a inovação/investigação metodológica de uma Pesquisa Educacional Baseada em Artes que intitulei de Pesquisa Baseada em Fanzines. Nesse processo foi elaborado um instrumento pedagógico, PEDAGOZINE, que assumiu o formato de uma caixa e contém fanzines de cunho pedagógico e instrucional, cujo objetivo foi criar um instrumento pedagógico e avaliativo. Tal instrumento pedagógico foi desenvolvido a partir da leitura da obra *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada*, da escritora Carolina Maria de Jesus, do meu fazer docente e de minha imersão em ateliê de gravura, que levou à produção da identidade visual que assumiu esse objeto, além de uma pesquisa de campo com colaboradoras para análise crítica de uso e usabilidade com vistas ao aprimoramento desse objeto. Propus um instrumento de avaliação em artes visuais, PROVAZINE, que teve como objetivo ser uma avaliação em arte alternativa às convencionais que, por meio da linguagem dos fanzines, possibilitasse ao estudante ser capaz de sintetizar temas complexos no campo da arte e demonstrar de forma estética o conteúdo aprendido. A análise dos dados produzidos pelas colaboradoras e da PROVAZINE foi possível por meio de uma proposta metodológica que se alimenta de forma retroativa de cada percurso investigativo: a Pesquisa Baseada em Fanzines. Esta atua na perspectiva da Pesquisa Baseada em Arte (PBA), atrelada a aspectos da abordagem triangular, a fim de tornar possível analisar fanzines em categorias de forma e conteúdo para a construção de discursos visuais críticos frente à realidade que nos cerca considerando as subjetividades múltiplas que nos atravessam. No fim, faço considerações sobre o potencial do fanzine como instrumento pedagógico, como avaliação em arte e como metodologia de pesquisa¹ para responder de que maneira o fanzine, como possibilidade criadora, pode apresentar soluções didático-pedagógicas para a prática docente em artes visuais.

Palavras-chave: Pesquisa Educacional Baseada em Arte. Pesquisa Baseada em Fanzines, Ensino de Artes Visuais; Educação Básica.

¹ Essa pesquisa contou com a colaboração/participação de sujeitos, com aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/IFG, Plataforma Brasil, sob o CAAE n. 57343622.6.0000.8082/ Parecer n. 5.403.191

ABSTRACT

This present work narrates, describes, and reflects from a creative perspective on my investigative journey as a researcher-teacher-artist during the Master's degree program in Arts - Professional Master's in Arts/PROFARTES Network at the Federal Institute of Goiás - Aparecida de Goiânia Campus, between the years 2021 and 2022. This study has a qualitative nature from the perspective of an Art-Based Educational Research, stemming from multiple experiences in teaching visual arts and my creation in fanzines. The object of this research is the methodological innovation/investigation of an Art-Based Educational Research, which I titled Fanzine-Based Research. In this process, a pedagogical tool called PEDAGOZINE was developed, taking the form of a box containing pedagogical and instructional fanzines. The objective was to create a pedagogical and evaluative instrument. This pedagogical tool was developed based on the reading of the work "Quarto de Despejo: o diário de uma favelada" (Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jesus), by the writer Carolina Maria de Jesus, my teaching practice, and my immersion in a printmaking studio, which led to the production of the visual identity that this object assumed, as well as a field research with collaborators for critical analysis of use and usability, aiming to enhance this object. I proposed an evaluation instrument in visual arts, PROVAZINE, which aimed to provide an alternative assessment in art, using the language of fanzines to enable students to synthesize complex themes in the field of art and aesthetically demonstrate the learned content. The analysis of the data produced by the collaborators and PROVAZINE was made possible through a methodological proposal that retroactively feeds on each investigative journey: Fanzine-Based Research. It operates from the perspective of Art-Based Research (ABR), linked to aspects of the triangular approach, in order to analyze fanzines in categories of form and content for the construction of critical visual discourses regarding the reality that surrounds us, considering the multiple subjectivities that permeate us. Finally, I make considerations about the potential of fanzines as pedagogical tools, as art assessments, and as research methodologies to answer how fanzines, as creative possibilities, can provide didactic-pedagogical solutions for teaching practices in visual arts.

Keywords: Educational Research Based on Art. Research Based on Fanzines, Visual Arts Teaching; Basic Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – À esquerda, Registro da oficina “Fanzines e Artezines Autorais – PROVAZINE como instrumento de avaliação” e, à direita, carimbo feito com borracha escolar que integrou as páginas do PEDAGOZINE	26
Figura 2 - Cronograma inicial dessa pesquisa.....	27
Figura 3 - Registro de uma das orientações de pesquisa	28
Figura 4 - Anatomia básica de uma Pesquisa Qualitativa Baseada em Quadrinhos	29
Figura 5 - Referencial imagético da pesquisa baseada em fanzine (Frente).....	30
Figura 6 - Referencial imagético da pesquisa baseada em fanzine (Verso).....	31
Figura 7 - Ilustração digital feita por Edgar Franco para o EP musical “Lira do Meio Século: uma opereta pós-humanista” (2023)	34
Figura 8 - Página do fanzine 3D Imagens (IV) de Gazy Andraus	35
Figura 9 - À esquerda, imagem de Carolina Maria de Jesus. À direita, ilustração feita por mim.	39
Figura 10 - Imagem do processo de confecção da identidade visual do PEDAGOZINE.....	41
Figura 11 - Ilustrações feitas para o fanzine principal	43
Figura 12 - Processo de organização das páginas do fanzine principal.....	43
Figura 13 - Fanzine principal e sua capa.....	44
Figura 14 - Última página do cartão-apresentação do PEDAGOZINE	52
Figura 15 - Como Produzir um Fanzine – Laerte (1991)	53
Figura 16 - Da esquerda para a direita, páginas dos fanzines das colaboradoras Sueleide, Sílvia, Edilene, Luciele, Sandra e Ludmylla.....	54
Figura 17 - Capa dos fanzines das colaboradoras respectivamente: Edilene, Ludmylla, Sílvia, Sueleide, Sandra e Luciane.	55
Figura 18 - Páginas do fanzine da colaboradora Ediene	57
Figura 19 - Recorte do texto instrucional do cartão-apresentação	58
Figura 20 - Imagem do estudo de dobra para um fanzine	71
Figura 21 - Estudo de um boneco de um fanzine	71
Figura 22 - Imagens do fanzine finalizado – capa e contracapa.....	72
Figura 23 - Embrulho e frente e verso do Fanzine PROVAZINE.....	74
Figura 24 - Imagens das folhas impressas para uso dos estudantes na confecção da PROVAZINE.....	75
Figura 25 - Estudantes fazendo a PROVAZINE	76

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro Referencial para a caracterização de uma PBF	33
Quadro 2 - Lista de itens contido na caixa “PEDAGOZINE”	42
Quadro 3 - Perfis para possíveis colaboradoras.....	47
Quadro 4 - Quadro descritivo das categorias de análise	51
Quadro 5 - Quadro referência dos critérios avaliativos para a PROVAZINE	76

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentual de professores da educação básica com pós-graduação lato sensu ou stricto sensu, Brasil 2013-2021.....	18
Gráfico 2 - Avaliação de uso e usabilidade do Cartão apresentação do PEDAGOZINE.....	58
Gráfico 3 - Avaliação de uso e usabilidade do Fanzine Principal do PEDAGOZINE.....	59
Gráfico 4 - Avaliação de uso e usabilidade do texto sobre as Viradas do Ensino das Artes.....	60
Gráfico 5 - Avaliação do item 3: Grudezine	61
Gráfico 6 - Gráfico que sinaliza as etapas em que o PEDAGOZINE poderia ser utilizado, segundo as colaboradoras	62

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CMEI	Centro Municipal de Educação Infantil
EaD	Ensino a Distância
FAV	Faculdade de Artes Visuais
FE	Faculdade de Educação
IFES	Instituições Federais de Ensino Superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MDF	Medium Density Fiberboard
PBA	Pesquisa Baseada em Arte
PBF	Pesquisa Baseada em Fanzines
PNE	Plano Nacional de Educação
PBQ	Pesquisa Baseada em Quadrinhos
Profartes	Mestrado Profissional em Artes
RME	Rede Municipal de Educação de Goiânia
SINTEGO	Sindicato dos Profissionais de Educação de Goiás
SME	Secretaria Municipal de Educação
UCDB	Universidade Católica Dom Bosco
UFG	Universidade Federal de Goiás
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNLP	Universidad Nacional de La Plata

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 O FANZINE COMO PRÁTICA ARTÍSTICA DA PROFESSORA DE ARTES VISUAIS	17
2 PEDAGOZINE: O FANZINE COMO INSTRUMENTO MEDIADOR PARA O DIÁLOGO COM AS PROFESSORAS COLABORADORAS	37
2.1 A experiência artística na confecção do PEDAGOZINE	38
2.2 Breve discussão sobre a arte da capa do fanzine principal	45
2.3 Perfil das colaboradoras	46
2.4 Análise formal e de conteúdo	50
2.5 Análise dos formulários eletrônicos respondidos pelas colaboradoras	57
3 PROVAZINE: O FANZINE COMO INSTRUMENTO MEDIADOR PARA A AVALIAÇÃO EM ARTES VISUAIS	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	81
APÊNDICE A – ANÁLISE DE FORMA E DE CONTEÚDO DOS FANZINES DAS COLABORADORAS	84
APÊNDICE B – IMAGENS DO FANZINE PROVAZINE	90
ANEXO A – FANZINES DA COLABORADORA SUELEIDE	95
ANEXO B – FANZINES DA COLABORADORA SANDRA	97
ANEXO C – FANZINES DA COLABORADORA SÍLVIA	99
ANEXO D – FANZINES DA COLABORADORA LUCIANE	100
ANEXO E – FANZINES DA COLABORADORA EDILENE	103
ANEXO F – FANZINES DA COLABORADORA LUDYMILLA	108

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta o percurso investigativo nas dimensões do fazer docente, da pesquisa e do eu artista para formular uma proposta inovadora de investigação metodológica de uma Pesquisa Educacional Baseada em Artes que intitulei de Pesquisa Baseada em Fanzines, e que é consequência da sistematização dos desdobramentos advindos da imersão artística e do fazer docente ao elaborar um instrumento pedagógico e uma proposta de avaliação em artes visuais. Ela aconteceu por meio do Programa de Pós-Graduação em Artes - Mestrado Profissional em Artes/ Rede PROFARTES no Instituto Federal de Goiás – Campus Aparecida de Goiânia, teve financiamento por meio de bolsa oferecida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/IFG)².

A pesquisa aconteceu durante o período de 2021 a 2022, fruto das experiências que adquiri como professora e com as colaboradoras dessa pesquisa, da imersão no ateliê de gravura desse mesmo Campus, das aprendizagens que tive em teoria e prática acadêmica. Dividi essa dissertação em três capítulos, que tratam de etapas diferentes desse percurso.

No Capítulo 1, intitulado “O fanzine como prática artística da professora de artes visuais”, discuto as potencialidades da tríade professora/artista/pesquisadora e como uma Pesquisa Baseada em Arte (PBA) fundamentou a metodologia apresentada, baseada em fanzines, tanto o PEDAGOZINE, como instrumento pedagógico, quanto o PROVAZINE, como instrumento avaliativo.

No Capítulo 2, “PEDAGOZINE: o fanzine como instrumento mediador para o diálogo com as professoras colaboradoras”, apresento os passos para a construção da caixa PEDAGOZINE e os itens nela contidos. Relato a importância da participação de colaboradoras para sustentação metodológica da pesquisa por meio da análise de dados em termos de forma e conteúdo, além da avaliação do objeto por parte das colaboradoras por meio de formulários eletrônicos, que objetivaram entender aspectos de uso e usabilidade para o aprimoramento do instrumento pedagógico. Além disso, comento e discuto o diálogo com as colaboradoras, que se deu por meio dos fanzines

² Essa pesquisa contou com a colaboração/participação de sujeitos, com aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/IFG, Plataforma Brasil, sob o CAAE n. 57343622.6.0000.8082/ Parecer n. 5.403.191

autorais feitos por elas e me permitiu estabelecer categorias de análise para a sistematização da Pesquisa Baseada em Fanzines.

No Capítulo 3, intitulado “PROVAZINE: o fanzine como instrumento mediador para a avaliação em artes visuais”, descrevo o percurso pedagógico-investigativo que levou à elaboração de um instrumento avaliativo em Artes Visuais no formato de fanzines, que intitulei de PROVAZINE. Ele me permitiu elaborar critérios que tinham o propósito de fornecer parâmetros para a avaliação da PROVAZINE feita por estudantes.

1 O FANZINE COMO PRÁTICA ARTÍSTICA DA PROFESSORA DE ARTES VISUAIS

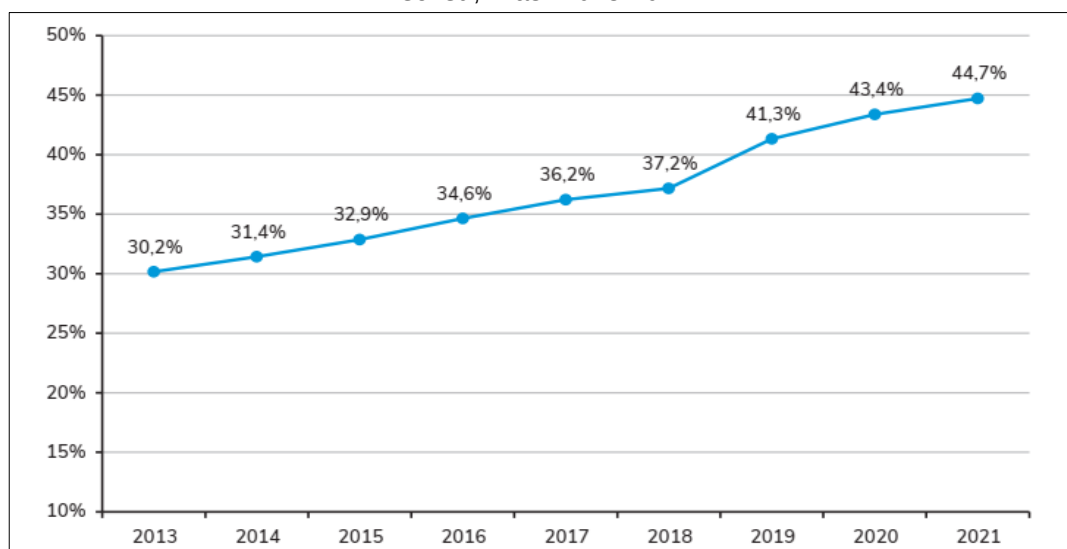
Este capítulo apresenta brevemente do que se trata o fanzine e narra o papel dele em minha prática como professora – pesquisadora – artista. Nele apresento o percurso metodológico desenvolvido durante a investigação, que me ajudou a formular uma Pesquisa Baseada em Fanzines, e faço uma reflexão sobre a performance rizomática da abordagem triangular quando vista pela perspectiva metodológica na PBF.

Desde 2017, quando me tornei professora da Rede Municipal de Educação de Goiânia (RME), as escolas onde trabalhei tinham algo em comum: a dificuldade de obter incentivo para a formação continuada e a escassez de materiais artísticos disponíveis (papéis, tesouras, colas, pincéis, revistas etc.) para professores e estudantes.

Em uma breve análise sobre a formação continuada para professores da educação básica no Brasil, nota-se que a Meta 16 do Plano Nacional de Educação (PNE) 2020-2024 tem como objetivo alcançar, em nível de pós-graduação, 50% dos professores da educação básica até 2024. A proposta trata ainda da garantia a todos os profissionais de educação básica à formação continuada em sua área de atuação, considerando as necessidades, demandas e contextualizações dos sistemas de ensino.

De acordo com o Relatório do 4º Ciclo de Monitoramento das Metas do Plano Nacional de Educação de 2022, divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), até 2021, o número de professores da educação básica que possuíam pós-graduação *lato sensu* ou *stricto sensu* era de 44%, um valor absoluto de 997.699 docentes de um total de 2.230.891 professores (BRASIL, 2022), conforme gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Percentual de professores da educação básica com pós-graduação *lato sensu* ou *stricto sensu*, Brasil 2013-2021



Fonte: Censo Escolar da Educação Básica/Inep (2013-2021).

O relatório também concluiu que o maior número de professores pós-graduados está nas redes públicas de ensino e não nas redes privadas, e a maior parte atua nas áreas urbanas. Como é possível observar no Gráfico 1, para atingir a Meta 16 definida para o quadriênio de 2020-2024, é necessário formar, em nível de pós-graduação, mais de 50% dos professores atuantes na educação básica, o que torna seu alcance irreal até 2024. Com relação aos tipos de pós-graduação que esses professores possuem, o documento aponta que, em 2021, 40,7% tinham especialização, 3,3% mestrado e 0,8% doutorado.

O aumento em pontos percentuais de 2013-2021 de docentes com especialização foi de 12,3%, e com mestrado e doutorado, de 1,4% e 0,6%, respectivamente. O Centro-Oeste é a segunda maior região com professores pós-graduados que atuam na educação básica. Nos municípios do Brasil, 32,1% realizaram cursos de formação continuada e estavam em regência de classe em 2021, o que supera os índices das redes públicas estaduais, federais e privadas. Nos municípios de Goiás, esse número é de 35,5%.

Isso significa dizer que existe consideravelmente um número superior de professores especialistas do que de mestres ou doutores no Brasil. Uma constatação óbvia para quem tem familiaridade com as redes públicas de ensino e conhece a realidade das demandas. Ingressar nos cursos de mestrado e doutorado no nosso país exige muito, mas é alarmante considerar que alguns fatores contribuem para que esse quantitativo de mestres ou doutores seja tão inferior ao de especialistas.

A ampliação dos cursos de pós-graduação *lato sensu* na modalidade de Ensino a Distância (EaD) abriu um novo nicho de mercado, no qual as instituições de ensino superior privadas foram privilegiadas por fornecer cursos com garantia de obtenção de títulos de especialistas em tempo recorde. Isso favorece certos indicadores nacionais de avaliação, mas empobrece o lugar da autonomia das Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes) de ofertarem esses cursos, pois a lógica dessas formações oferecidas pelas faculdades privadas prioriza a lógica de mercado em detrimento da formação sócio-histórico-crítica.

Como o acesso a essas especializações é facilitado, superando diversas barreiras geográficas, e o custo não é tão oneroso, essa acaba sendo a saída mais rápida para a formação continuada, sem falar nos benefícios advindos nos planos de carreira de professores da educação básica em termos de progressão por titularidade. Nessa perspectiva:

[...] a formação continuada é, acima de tudo, um processo que respeita a pluralidade, a diversidade cultural, a identidade das instituições e os interesses sociais/profissionais, pois se articula aos desafios postos à gestão e à organização pedagógica, aos processos de ensino e aprendizagem, reafirmando os princípios da gestão democrática. Isso implica sólida formação teórica e interdisciplinar sobre o fenômeno educacional e seus fundamentos históricos, políticos e sociais. Ainda, constitui-se como uma política orgânica em um contexto que envolve o direito à educação como condição para ampliação de conhecimento pessoal/profissional de estudantes e profissionais da educação. (DOURADO, 2022, p. 73).

No que diz respeito ao contexto do município de Goiânia, a normativa que rege o cargo de professor da Rede Municipal diz respeito à Lei Complementar n. 091, de 26 de junho de 2000, que compreende o Estatuto dos Servidores do Magistério Público do Município de Goiânia³ e o Plano de Carreira dos Servidores do Magistério Público do Município de Goiânia, que, em seu art. 35, dispõe sobre a licença para aprimoramento profissional:

Art. 35. Além das licenças previstas, no Estatuto dos Servidores Públicos do Município, poderá ser concedida ao servidor do Magistério, por ato do Chefe do Executivo, ouvido o Titular da Secretaria Municipal de Educação, licença para frequentar, com afastamento de suas funções, cursos de formação, aperfeiçoamento, especialização e pós-graduação (GOIÁS, 2000, p.35).

³ https://www.goiania.go.gov.br/download/smarh/estatuto_magisterio.pdf

A carga horária de um professor na RME se dá por concurso público e prevê 30 horas semanais por período trabalhado, incluindo horas de atividades inerentes à docência. Isto é, quem é contemplado com licença-aprimoramento pela Rede Municipal de Educação de Goiânia perde, com o afastamento, o auxílio-transporte e a gratificação por regência de classe, bem como o salário que lhe é pago caso trabalhe por mais 30 horas em outro período, com acréscimo de carga horária. Além de perder a vaga na escola de atual lotação, quando o docente retornar ao exercício de suas atividades como regente, ele deve ser alocado em uma nova escola e cumprir sua função por igual período de afastamento, sendo este condicionado ao dirigente da pasta, o secretário ou a secretária de educação vigente.

Com isso, o salário reduz bastante, poucos conseguem se manter trabalhando pelo período mínimo exigido (30 horas semanais) e, ao mesmo tempo, ser contemplado com alguma bolsa de fomento, sustentar o mesmo nível de vida e manter semelhante qualidade e produtividade no trabalho e nos estudos, sendo este último em grau *stricto sensu*. Atualmente, a dedicação exclusiva do estudante ao programa de pós-graduação é uma das exigências da Capes e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), órgãos governamentais que fomentam a pesquisa no país.

Isso significa que fazer mestrado ou doutorado prevê a escolha de estudar ou trabalhar, pois um entra em conflito com o outro. O pequeno número de professores mestres e doutores atuantes nas redes públicas de ensino municipais e estaduais, conforme as estatísticas apontadas anteriormente, também é consequência dessa política acadêmica que privilegia, ainda hoje, uma formação elitizada, que comumente ignora a realidade do trabalhador, professor da educação básica, que trabalha dois ou mais turnos para se manter.

O docente da RME que possui especialização recebe 30% a mais no seu vencimento, o que possui mestrado 40% e o que possui doutorado 50%, sendo essas porcentagens não acumulativas. Nessa realidade, as especializações feitas na modalidade EaD abrem larga vantagem, porque não exigem dedicação exclusiva e são adaptáveis à realidade da maioria. Nessa encruzilhada do desejo de cursar um mestrado ou doutorado e se sustentar, nota-se que, por vezes, o caminho da especialização surge como opção mais vantajosa e estável.

Os mestrados profissionais voltados para a qualificação de professores da educação básica visam a diminuir essas lacunas e democratizar o acesso à educação

em nível *stricto sensu*, levando em consideração a dificuldade de conciliar esses cursos com a jornada de trabalho e as dificuldades geográficas. Meu ingresso no Mestrado Profissional em Artes (ProfArtes) se deu no contexto da pandemia de covid-19. Infelizmente, devido ao período de isolamento sanitário, não foi possível cursar as disciplinas presenciais.

Porém, as disciplinas on-line foram fundamentais para que eu pudesse chegar à reta final do mestrado. Com o fim da pandemia, mais difícil ainda se tornou cursar o mestrado de forma presencial, devido à crise econômica que atravessou o país e não acompanhou o reajuste salarial. Soma-se a isso a obrigatoriedade de cumprir as novas exigências e demandas das escolas, que, em tempos pós-pandêmicos, tomaram corpo de uma educação ainda mais generalista,

[...] centrada em 'parcerias público-privadas, com a terceirização da produção de materiais didáticos e venda de sistemas apostilados, com inclusão de sistemas de gestão educacional, na forma de aplicativos ou plataformas digitais, que monitoram todo o sistema administrativo e pedagógico, retira das escolas e do professorado o controle sobre o que se deve ser ensinado e como deve ser ensinado' (HYPOLITO, 2019, p. 194).

É preciso humanidade e alteridade para proporcionar uma formação integral aos sujeitos. Os mestrados profissionais são prova de que é possível manter um alto nível de qualidade de formação *stricto sensu* e de pesquisas em educação que não sejam alheias à realidade do mundo das escolas e da vida, aumentando o nível de formação de professores atuantes e, por consequência, de reflexão sobre esse investimento na educação de estudantes de educação infantil, de nível fundamental e de nível médio nas escolas públicas do país.

Já com relação ao segundo ponto em comum, nas escolas em que trabalhei, é costumeiro que os professores adquiram insumos necessários para trabalhar alguma prática em sala de aula com seus próprios recursos financeiros. De forma gradual, outras prioridades impostas surgiram em detrimento do trabalho artístico em sala de aula, boa parte dos recursos antes direcionados para esses insumos hoje são usados para a compra de toners e papéis para impressão das infindáveis avaliações externas, internas e apostilas, as quais os professores pedagogos devem seguir para atingir os índices de desempenho esperados pelos órgãos de gestão educacional.

Ter o desenho como meio para a construção do conhecimento em artes visuais se tornou o meio mais viável, uma adequação à minha realidade de vida com a

realidade das escolas, pois, na escassez de materiais, acabou por ser uma solução criativa e, para refletir teoricamente sobre meu reencontro com o desenho como atitude docente, foi preciso entender esse processo desde antes de ingressar no Mestrado em Artes, como relato a seguir.

Durante a graduação em licenciatura em Artes Visuais na Faculdade de Artes Visuais (FAV), da Universidade Federal de Goiás (UFG) (2013 a 2016), cursei a disciplina de História de Quadrinhos de Autor, ministrada pelo Prof. Dr. Edgar Franco. Essa experiência me proporcionou desenvolver habilidades de criação autoral com as quais me identifiquei, instigando-me a fazer fanzines e quadrinhos mesmo após a conclusão do curso de graduação.

Ao longo do mestrado, tive oportunidade de cursar disciplinas que foram fundamentais no direcionamento desta pesquisa. De forma cronológica, a primeira foi a disciplina oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, ministrada pelo Prof. Dr. Glauco Ferreira, intitulada Antropologia, visualidades e diferenças, que me levou a autoras feministas negras que discursavam sobre educação e complexidades das questões interseccionais (gênero, raça e classe). Foi necessária porque me obrigou a encarar de forma crítica meu lugar como mulher negra professora.

Na disciplina de Metodologia de Pesquisa em Arte (ministrada pelo Prof. Dr. Alexandre Guimarães), entendi que minha prática docente estava indissociada do meu eu artístico e pesquisador. Na disciplina que cursei com o Prof. Dr. Gazy Andraus, Artezines: zines, fanzines e biograficzines como expressão criativa e artístico-autoral, elaborei o instrumento avaliativo que utilizo em sala de aula: a PROVAZINE. Esse instrumento será mais bem descrito e discutido no Capítulo 3.

O fanzine tem um valor simbólico que ultrapassa o campo da pesquisa e do conceito, me atravessa de forma pessoal. Para contextualizar, fanzines ou zines constituem-se numa linguagem pode ser pesquisada à luz da Cultura Visual, entendida como:

[...] um campo de estudo emergente e transdisciplinar que se fundamenta no princípio de que as práticas do ver são construídas social e culturalmente. Considerando o alargamento, a vitalidade e a pregnância dessas práticas, a cultura visual discute impactos e implicações das experiências de ver e ser visto na contemporaneidade (TOURINHO, 2011, p. 4).

Levando em consideração o campo da cultura visual, o fanzine recebe esse nome pela junção das palavras em inglês “*fanatic*” e “*magazine*”, que, numa tradução literal, seria “a revista do fã”. São publicações independentes, nas quais o zineiro (criador do zine) é a pessoa responsável por todos os processos que envolvem a sua criação, edição, editoração e distribuição. De acordo com Magalhães (2013):

Os fanzines certamente fazem parte desse conjunto de ações individuais ou de pequenos grupos em torno de um objetivo em comum. Numa breve definição, fanzines são publicações de fãs – ou aficionados – por algum tema artístico que se dirigem a outros fãs que tenham o mesmo interesse. São publicações amadoras, sem fins lucrativos, feitas geralmente de forma artesanal, em pequenas tiragens, que visam a liberdade de expressão de seus produtores, a troca de informações com o grupo, o exercício artístico, a crítica e a divulgação da obra de novos autores (p. 54).

Uma das características desse tipo de linguagem é a influência do Movimento Punk⁴ em sua estética visual, bem como uma aversão ao eixo comercial de publicações. Ele habita um universo paratópico (ANDRAUS, 2019), por não pertencer a lugar algum, e é de perfil *outsider*, por não se encaixar nos padrões comerciais que o mercado editorial exige. No Brasil, é uma expressão de resistência à homogeneização das linguagens e do pensar (ANDRAUS, 2021; FRANCO, 2015; GUIMARÃES, E. 2020).

Sendo assim, a força criativa dos fanzines se mostrou mais importante que o resultado das próprias publicações. Com os fanzines, a liberdade de experimentação gráfica rompe os cânones das cartilhas editoriais, e os jovens têm seu veículo para fazer circular suas ideias. Tantas possibilidades expressivas não poderiam passar ao largo dos processos pedagógicos, e não passarão (MAGALHÃES, 2013). Criar um instrumento de avaliação em artes visuais por meio da linguagem do fanzine acabou por se tornar, assim como dito por esses autores, um ato de resistência diante da

⁴ A palavra *punk* encontra significados diferentes; enquanto um substantivo pode ser traduzido como “madeira podre utilizada para acender o fogo”, ou “vagabundo de pouca idade”, rufião, capanga ou ainda, em inglês arcaico, prostituta.[...] No final dos anos 70, a atitude *punk* foi massificada depois de ter sido desvirtuada pela mídia e isso abalou as estruturas desses grupos que viram as suas propostas serem esvaziadas do seu sentido original subversivo e entrarem no sistema das mercadorias como mais um produto disponível ao consumo. Houve um refluxo dos grupos *punks* e a mídia declarava a morte deles, quando nos anos 80 ressurgem no *Hardcore* - em sentido literal, miolo duro - como uma nova forma, mais radical e politizada que se disseminou pela Europa e EUA. Os *punks* passaram então, à recusa total da mídia e do mercado estabelecendo como substituto um sistema de comunicação próprio com a confecção artesanal de flyers e fanzines cuja circulação ficava restrita ao universo underground (GALLO, 2008, p.751).

normatividade naturalizada nas escolas, e vai na contramão de instrumentos de avaliação convencionais, como a prova escrita.

Fazer fanzine no contexto escolar tem para mim um valor pessoal de manifesto diante da mecanização dos corpos, das vestes, das mentes, dos atos, hábitos que o sistema social e institucional insiste em nos impor, oprimir e silenciar. Seu caráter anárquico é preservado, enaltecendo o inadequado e questionando o sistema de dentro para fora de seus instrumentos sociais (família, escola, sociedade, etc.). E essa característica transgressora só é possível quando habitada no campo da experiência. A experiência artística, quando encontra as experiências vividas, possibilita novos campos imagéticos e do pensar. Nisso reside a criatividade como elemento fundamental da metodologia dessa pesquisa.

Pensar esse aspecto nesse percurso metodológico de uma Pesquisa Baseada em Arte e de uma Pesquisa Baseada em Fanzines me levou à perspectiva de Dewey (2010) sobre a experiência. Para ele, descarta-se da experiência a ausência de intencionalidade. Tudo contém um propósito e tudo é carregado de sentidos, ainda que não estejam claros de imediato para aquele que cria, ou mesmo para aquele que observa. O autor é categórico ao afirmar que nem tudo que é carregado de emoção é fruto da expressão. Mas, seja ela qual for, sempre será fruto de uma natureza transformada pela vivência e pela subjetividade de outros sujeitos, fazendo com que a experiência assuma um caráter estético.

Para Fayga Ostrower (2014), que propõe processos e problematiza a diversidade de contextos e como eles afetam a criação e o ensino-aprendizagem da arte, todo formar, todo construir é um destruir quando se trata da experiência. E essa ordenação e categorização de conceitos e sentidos têm por objetivo entender o lugar da linguagem na construção da matéria, sendo isso que torna o conteúdo expressivo passível de comunicação. É necessário, então, que haja um eterno destruir e construir, um apropriar para reformular, objetivando a socialização de conhecimentos capazes de transformar a concretude e os sentidos do mundo que habitamos.

Pensar uma pesquisa em arte nos tensiona a dizer que, nessa perspectiva, a criação científica é fruto da reinterpretação de fenômenos e da metodização de elementos. Isso envolve critérios, e estes, na pesquisa em arte, exigem elaborar um pensamento científico em que a criatividade é o fator que dá sentido epistemológico à fundamentação científica. Esta pesquisa habita nessa perspectiva, pois, segundo Camargo-Borges, significa pensar que:

Uma abordagem criativa e imaginativa de pesquisa é fundamentada numa epistemologia que considera a pesquisa como uma prática social, uma ação coletiva de investigação (MCNAMEE; HOSKING, 2012). Isso é dramaticamente diferente do que ver a pesquisa como uma representação da realidade, a qual requer uma postura neutra, objetiva e controladora para alcançar a sua supremacia. Criatividade e imaginação na pesquisa é sobre evocar sentidos para construir um futuro melhor, ao invés de designá-lo (MCNAMEE; HOSKING; GERGEN apud CAMARGO-BORGES, 2020, p. 7).

Os critérios que seriam necessários para a interpretação do mundo por meio da experiência sistematizam tais fundamentos e, para a pesquisa em arte, acabam por sustentar a sua própria epistemologia. Nesse sentido, é válido dizer que a pesquisa em arte necessariamente precisa da voz daquele que a produz. Não há distanciamento entre objeto de pesquisa e pesquisador, pois ambos são impactados nessa caminhada.

Pensar processos artísticos como condutores de pesquisas em arte é pensar, também, na indissociabilidade da tríade artista/professor/pesquisador. O que envolve dizer que é possível produzir pesquisa, construir e elaborar conhecimentos dentro e fora da prática docente, a partir do que criamos artisticamente, seja essa produção artística feita de forma coletiva ou individual.

As visualidades presentes na linguagem dos fanzines também envolvem aspectos relacionais com as subjetividades e vivências de habitar no mundo, de pensar a presença/corporalidade do olhar e dos atravessamentos que se voltam para o pesquisador como artista, no contato com o outro e que se traduzem no fazer docente. Segundo Tourinho (2009):

Tanto os discursos sobre o visual, quanto os discursos visuais se reconstroem a partir da cultura e do tempo em que são criados. Essas transformações podem levar à produção de discursos bem variados, às vezes até herméticos e excêntricos. As fixações e conjecturas dos que produzem discursos e imagens confundem-se com referenciais mais amplos e contextualizados (p. 153).

Durante a pesquisa, tive a oportunidade de ministrar uma oficina, que nomeei de “Fanzines e Artezines Autorais – PROVAZINE como instrumento de avaliação no ensino de artes visuais”, feita durante o I Seminário de Pesquisa em Artes, do Instituto Federal de Goiás. Durante o mestrado, aprendi algumas técnicas de encadernação artesanal, conheci museus e galerias, apresentei em seminários e imergi em outras linguagens artísticas, que me ajudaram na construção desta pesquisa, sendo que

todas essas experiências, de certa forma, também compuseram direta ou indiretamente a elaboração do PEDAGOZINE e da PROVAZINE. É possível ver na Figura 1 momentos da oficina que ministrei. A exemplo disso, um dos estudos que fiz sobre carimbos se tornou elemento visual do fanzine sobre questões interseccionais contidas no PEDAGOZINE (ver Figura 1).

Figura 1 – À esquerda, Registro da oficina “Fanzines e Artesines Autorais – PROVAZINE como instrumento de avaliação” e, à direita, carimbo feito com borracha escolar que integrou as páginas do PEDAGOZINE



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Além desses aspectos, também pude experimentar materiais e linguagens, tais como texturas, papéis, nanquim, giz pastel, pintura, aquarela, gravura, estêncil e lambe-lambe. Em suma, para Hernandez (2017), o estudante aprende (melhor) quando torna significativa a informação ou os conhecimentos que se apresentam na sala de aula, e nesse processo também me incluo.

Para Hernandez (2017), é de grande importância os conhecimentos construídos em sala de aula terem como protagonistas os próprios estudantes, respeitando suas identidades, bem como seus conhecimentos que não estejam delimitados ao que é feito dentro da escola, mas que eles possam ver sentido nesses saberes a fim de propor soluções de problemas reais do dia a dia, em sociedade.

Nesse percurso investigativo, foi necessário pensar essa relação de conhecimento obtido durante a formação acadêmica e o que vivi em sala de aula na forma como experienciei os quadrinhos, a exemplo, quando fiz um cronograma inicial de pesquisa em formato de uma página de quadrinhos (ver Figura 2).

Figura 2 - Cronograma inicial dessa pesquisa

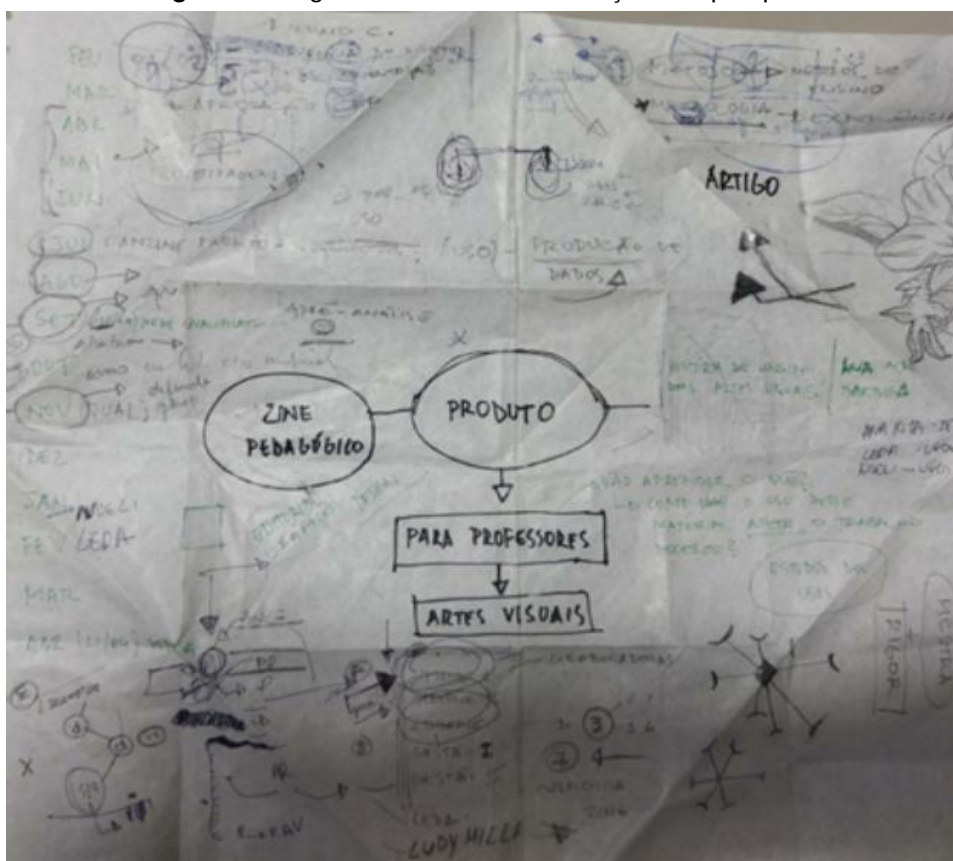


Fonte: Elaboração Própria (2021).

Todos esses exercícios e experiências fizeram parte da jornada que vivi durante o processo formativo do mestrado e me conduziram a um formato de orientação que perpassou o desenho. Nesse exercício visual, imagético, crítico e reflexivo de idas e vindas sobre o delinear desta pesquisa, elaboramos conjuntamente uma forma mais produtiva e compreensível de interação entre orientador e orientanda, que possibilitou a comunicação e a expressão das ideias por meio do desenho, visto que outros instrumentos, como gráficos e tabelas – convencionais em pesquisas –,

não conseguiam lidar com a complexidade de estruturar/sistematizar/organizar uma pesquisa em Artes de maneira que eu compreendesse a orientação com o melhor aproveitamento possível. Logo abaixo, na Figura 3, é possível visualizar o registro final de uma das orientações sobre o projeto.

Figura 3 - Registro de uma das orientações de pesquisa



Fonte: Elaboração Própria (2021).

Por meio dessa disposição aparentemente caótica de palavras, ideias e conceitos e que foi constantemente revisitada, fui compreendendo que minha pesquisa é qualitativa e, como tal, tem responsabilidade ética, social e política (KUTTNER; SOUSANIS; WEAVER-HIHTOWER, 2017). Em vez de procurar novas formas de delimitação, ela pode habitar interstícios para incentivar a criação e experimentação de novas abordagens – ou mesmo a hibridização daquelas já conhecidas.

A pesquisa que apresento é, em si, uma experimentação metodológica híbrida: pesquisa qualitativa; pesquisa educacional baseada em artes; pesquisa baseada em fanzines. A Pesquisa Baseada em Artes, em suas práticas,

[...] pressupõe o uso de linguagens poéticas – como as visuais, performáticas, literárias ou musicais –, nos processos investigativos, nas reflexões, na forma das escrituras, das apresentações e dos relatos. Estas metodologias artísticas de pesquisa propiciam modos ampliados de conceber, pensar e significar a pesquisa, criando relações e movimentos imprevisíveis, oportunizando visadas diversas, versos e reversos que poetizam o processo investigativo. Suas práticas, tanto empíricas quanto teóricas, visitam e recriam, através do ato artístico, as dimensões do humano e do inumano, do conhecido e do desconhecido, acolhendo a incompletude e a incerteza (2019, p. 67).

A Pesquisa Baseada em Fanzines, como a intitulei, é amparada na metodologia de Pesquisa Baseada em Quadrinhos (PBQ). Apesar de serem linguagens distintas, essa metodologia apresenta aspectos de análise que são extraídos da própria linguagem dos quadrinhos e que, da mesma maneira, considera aspectos de forma e conteúdo. A imagem abaixo traz a representação das categorias de análise de uma PBQ na percepção de Rachel Marie Crane Williams (2012).

Figura 4 - Anatomia básica de uma Pesquisa Qualitativa Baseada em Quadrinhos



Fonte: LEAVY, 2017, figura 21.1, p. 400.

A PBQ, como a figura acima apresenta, propõe uma análise mais voltada para apreensão dos sentidos e descrição daquilo que se vê em uma sequência de eventos (que vão desde objetos, onomatopeias até as feições das personagens), que as HQs transmitem a cada enquadramento, na tentativa de evocar sensações para provocar

reflexões mais profundas de críticas sociais e/ou problemas filosóficos que a vida apresenta.

Já a PBF tem como característica a retroalimentação dentro da perspectiva do fazer, apreciar e contextualizar e, nesses trajetos, pude ir e vir de etapas que não aconteceram de forma sequenciada, mas que estavam presentes no movimento dessas engrenagens de forma constante (ver Figuras 5 e 6 e Quadro 2) .

Figura 5 - Referencial imagético da pesquisa baseada em fanzine (Frente)



Fonte: Elaboração própria.

Figura 6 - Referencial imagético da pesquisa baseada em fanzine (Verso)



Fonte: Elaboração própria.

Conceituo a PBF como uma pesquisa de caráter anárquico, qualitativo e artístico cujo objeto central é o fanzine e suas potencialidades no campo estético, científico, filosófico e imagético e que objetiva uma reflexão social e educacional partindo das temáticas do campo da arte e da linguagem. Essa primeira etapa investigativa me levou à criação de um instrumento pedagógico que intitulei de PEDAGOZINE, que será mais bem desenvolvido no Capítulo 2, e à criação de um instrumento avaliativo que intitulei de PROVAZINE, que será descrito no Capítulo 3.

Barbosa (2012) afirma que o contextualizar na leitura de imagens movimenta os caminhos para o fazer e para o ver, o que inicialmente era entendido como uma “Metodologia Triangular”. Atualmente, para essa autora, toma o movimento de zigue-zague como sendo uma visualização mais adequada dessa abordagem. Segundo ela, FAZER/ CONTEXTUALIZAR/VER/CONTEXTUALIZAR faz do contexto o mediador e o propositor, dependendo da natureza do objeto, do momento, do tempo e da aproximação do observador.

Na perspectiva desta pesquisa, pensando metodologicamente, o movimento de zigue-zague pode ser substituído por um rizoma de origem e fins diversos e/ou indeterminados, capaz de transmitir ordenamento aos fatos e às elaborações conceituais produzidas ao longo da pesquisa, mesmo diante de um aparente caos. Trata-se de uma eterna construção e desconstrução de vias múltiplas. Esse termo, cunhado por Deleuze e Guattari, foi elaborado por eles para imagetivamente dizer que os pensamentos científicos formulados diante dos fenômenos, principalmente com relação às problemáticas sociais e seus paradoxos, estão para além da estrutura e rigidez da linguagem. Tornando-se, nesse sentido, um exemplo sugestivo sobre o pensamento pós-estruturalista. Por isso:

As linhas dentro de um rizoma são elementos que comportam em seu devir o rompimento da dicotomia uno/múltiplo, as linhas de um rizoma são uma multiplicidade, pois que cada individualidade carrega em si a heterogeneidade. Cada indivíduo e cada objeto estão repletos de potencialidades, que só se realizarão de acordo com os encontros com outros objetos exteriores, promovendo saltos, rupturas e conexão com outros devires, com outras linhas, produzindo os agenciamentos. Os agenciamentos são as conexões entre os diferentes estratos da “realidade”, impulsionados pelo desejo (SOUZA, 2018, p. 245).

Uma elaboração rizomática permite ao investigador transitar no campo da linguagem, mas também revisitar seus percursos nos eixos do fazer, do contextualizar e do ver. Portanto, a Abordagem Triangular não constitui, nesta pesquisa, um caminho

linear, cíclico ou de zigue-zague. Ele se confunde com o todo para dar sentido ao percurso metodológico e seus pontos. No quadro abaixo (ver Quadro 2), identifiquei referenciais para a caracterização de uma PBF, que é uma Pesquisa Baseada em Arte com a abordagem triangular como norteadora com a Pesquisa Baseada em Fanzines. Abaixo apresento duas possibilidades de leitura sobre o que caracteriza uma PBF (ver Quadro 1):

Quadro 1 - Quadro Referencial para a caracterização de uma PBF

Quadro referencial para a caracterização de uma PBF
Revisão teórica.
Imersão em diferentes linguagens artísticas tendo em vista a sistematização de temas complexos.
Imersão plástica em diferentes linguagens artísticas.
Estudo de processos de impressão, edição, editoração, distribuição, dobra e encadernação de fanzines.
Reflexão teórica e metodológica sobre o processo.
Revisita os percursos investigativos.

Fonte: Elaboração própria.

Sabendo que a representação de um rizoma pode assumir diferentes formas, na Figura 7, apresento uma sugestão imagética desse conceito a partir da ilustração digital feita pelo Prof. Dr. Edgar Franco, que também é músico e performer, cuja persona artística se chama Ciberpajé. Sua pesquisa é voltada para os quadrinhos, fanzines, arte e tecnologia e processos criativos em universos ficcionais.

Na imagem relacionada, é possível ver uma trama de infinitos nós, ângulos, profundidades e linhas que formam a imagem do Ciberpajé. O ser humano é a representação da maior das complexidades, sua ação transforma os meios e seu olhar dita a realidade e tem o poder de criar outras.

É possível pensar o artista como a encarnação desses complexos sistemas, sendo ele, por si só, o próprio rizoma. Um rizoma incapaz de lidar com sua finitude e, ao mesmo tempo, ainda não totalmente desbravado. Considero essa imagem um exemplo-chave a ser contemplado, refletido e referenciado.

Figura 7 - Ilustração digital feita por Edgar Franco para o EP musical “Lira do Meio Século: uma opereta pós-humanista” (2023)



Fonte: Ciberpajé. Disponível em: <http://ciberpaje.blogspot.com/2023/04/lancamento-ciberpaje-lira-do-meio.html>.

O artista e Prof. Dr. Gazy Andraus, em seu fanzine *Imagens 3D (IV)*, disponível na editora de fanzines e quadrinhos independentes *Marca de Fantasia*⁵, ao som de músicas, transpôs uma linguagem para a outra (música para imagem) e construiu sua versão imagética e plástica do que visualmente foi sua percepção da melodia. Ao ver seu trabalho nessa página do fanzine, entendi essa imagem como sendo um rizoma e observo nela como o artista foi capaz de, a partir da linguagem musical, criar uma representação da música transpondo-a para a linguagem visual. Nesse emaranhado de linhas, cores e palavras, um código atravessa o outro e, da mesma maneira, o complexo pensamento humano se constitui, se molda e se desfaz na interferência de

⁵ Marca de Fantasia. Disponível em: <https://marcadefantasia.com/>. Acesso em: 18 maio 2023.

cada linha. Como afirma Dewey (2010), uma vida inteira seria curta demais para reproduzir em palavras uma única emoção.

Figura 8 - Página do fanzine 3D Imagens (IV) de Gazy Andraus



Fonte: Marca de Fantasia. Disponível em:
<https://marcadefantasia.com/parceiros/gazyandraus/3dimagens/3dimagens4/3dimagens4.pdf>.

Levando em consideração que o presente trabalho perpassa processos formativos atravessados pelo desenho, ficou evidente ao longo da pesquisa que eles me proporcionaram experiências determinantes para que eu entrasse em contato com o processo criativo dos quadrinhos, dos fanzines e, de forma inesperada, também da gravura. E, também, por meio do gênero poético filosófico e do conceito de HQ Forismos (conceito elaborado pelo Prof. Dr. Edgar Franco), fiz conexões entre a teoria e a prática quando imersa nessas diferentes linguagens.

A gravura fez parte do meu processo formativo no mestrado por meio da imersão no ateliê e da relação orientador e orientanda, para a construção do PEDAGOZINE, e permaneceu como uma linguagem que venho desbravando aos poucos e com os recursos que tenho. De acordo com Dewey (2010), a experiência,

em si, tem um caráter emocional positivo, pois possui integração interna e um desfecho atingido por meio de um movimento ordeiro e organizado, e isso descreve bem como se dá a pesquisa baseada em arte.

Fazendo uma analogia com a imagem do trabalho de Andraus em seu fanzine 3D Imagens (IV), o ímpeto cedo é transformado em um propósito; as tendências instintivas convertem-se em empenhos planejados (DEWEY, 2010). As atitudes do eu são impregnadas de sentido. Ao término, todas as experiências vivenciadas no decorrer do mestrado me possibilitaram enxergar e refletir sobre os sentidos que nasceram, foram cultivados e reverberaram nessa pesquisa, e com relação à profissional que hoje sou e à maneira como lido com a tríade professora/artista/pesquisadora no dia a dia de sala de aula. Os capítulos que se seguem narram meu processo criativo na construção do instrumento pedagógico PEDAGOZINE (que se constitui em uma caixa com fanzines de cunho pedagógico e instrucional) e do instrumento avaliativo que elaborei, intitulado PROVAZINE (que se trata de uma proposta de avaliação em artes visuais que tem o fanzine como meio).

2 PEDAGOZINE: O FANZINE COMO INSTRUMENTO MEDIADOR PARA O DIÁLOGO COM AS PROFESSORAS COLABORADORAS

O PEDAGOZINE é um instrumento pedagógico físico, sob a forma de caixa, contendo um fanzine principal que levanta reflexões sobre interseccionalidade de raça, classe e gênero. Além disso, possui materiais de apoio de cunho instrucional sobre o que é fanzine, como fazer grude, como fazer LAMBE-LAMBEZINE, neologismo que criei para designar lambe-lambes feitos de fanzines. Por fim, traz um resumo reflexivo sobre distintos momentos do ensino de Artes no Brasil. Em síntese, o PEDAGOZINE parte de um tema e tem o propósito de ser um suporte para a criação de fanzines autorais para quem interage com esse objeto.

Ele é resultado do impasse que tive diante dos escassos materiais disponíveis nas escolas em que trabalhei e da minha imersão no ateliê de gravura do Instituto Federal de Goiás – Campus Aparecida de Goiânia. Na tentativa de criar uma solução em meio a essa limitação, produzir os materiais didáticos que utilizo em sala de aula se tornou uma forma viável para otimizar a aprendizagem, para que o conteúdo fosse apresentado e assimilado pelos estudantes de forma mais aprofundada. Conectar a prática docente com o fazer artístico e com a pesquisa em arte me levou à construção do PEDAGOZINE.

Como mencionado, o PEDAGOZINE traz um tema norteador e, a partir disso, o usuário é incitado a fazer conexões com seu contexto de vida e expressar suas elaborações reflexivas por meio da criação de fanzines autorais. Com o intuito de investigar seu potencial pedagógico, foi de suma importância trazer para o campo da pesquisa a presença de colaboradoras com experiência em educação, para que elas pudessem, a partir de sua relação com o objeto, construir seus próprios fanzines inspirados pela temática levantada pelo fanzine principal. Nesse sentido, o papel das colaboradoras foi fundamental para qualificar e avaliar o PEDAGOZINE e sua funcionalidade, para que ele fosse aprimorado. A seguir, relato o processo criativo que envolveu a construção do PEDAGOZINE, assim como descrevo cada item contido na caixa. Também comento sobre meu diálogo com as colaboradoras, como se deu a coleta de dados e as considerações que fiz com relação ao término dessa etapa da pesquisa.

2.1 A experiência artística na confecção do PEDAGOZINE

Foi uma escolha estética dispor o PEDAGOZINE em uma caixa, tendo em vista a ludicidade que envolve o mistério do que poderia conter em seu interior, ou mesmo a descoberta gradual de cada elemento nela presente. Essa afetação faz parte da experiência com objeto⁶, sendo aquela fruto de um atravessamento de subjetividades minhas e daquele(a) que manipula a caixa. Sobre o conceito de imanência na obra *Trabalhadores do mar*, do escritor Vitor Hugo, Didi-Huberman descreve de forma metafórica de que maneira esses atravessamentos acontecem:

[...] não há onda no mar (“abismo de baixo”) sem os sopros do ar (“abismo de cima”); não há direção afirmada sem direção enviesada “pelo través”, ou mesmo brutalmente contrariada por um movimento inverso; não há rebentação sem obstáculo (daí a extrema atenção aos escolhos); não há remoinho na superfície que não seja afetado pela resultante complexa de outros remoinhos nas profundezas (DIDI-HUBERMAN, 2003, p. 137).

A experiência artística na confecção do PEDAGOZINE também perpassa a literatura. No livro *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada*⁷, a escritora Carolina Maria de Jesus relata sua vida como catadora de lixo, moradora de uma favela em São Paulo, mulher negra, não escolarizada, cujo sonho era ser escritora. Sua história de sofrimento em busca de se fazer ouvida em um meio que insistia em seu apagamento me inspirou a fazer uma gravura sobre sua vida.

Descrevendo brevemente, gravura é uma linguagem intimamente ligada ao desenho e à atitude de marcar, criar incisões. Por meio dela, é possível gravar imagens no papel. Essa técnica permite que sejam feitas inúmeras cópias, e a esse movimento de produzir cada cópia dá-se o nome de impressão. Matriz é o suporte (base) em que se faz a imagem, por meio da qual a imagem ou textura será replicada, e pode ser feita de diferentes materiais e ter diferentes efeitos, dada a natureza de cada suporte. Nela fica o registro do que será impresso e replicado. Por meio do tipo da matriz, é possível identificar se ela possui propriedades de uma técnica aditiva, em

⁶ Muito além de cumprir seus requisitos de funcionalidade, um produto deve ser capaz de fornecer experiências a seus usuários (ALLAM *et al.*, 2013). Dentro de um contexto de uso específico, “a experiência do usuário é a soma das emoções, percepções e reações que uma pessoa experimenta ao interagir com um produto ou serviço” (TOSI, 2020, p. 51), o que caracteriza uma combinação de usabilidade, utilidade e impacto emocional (LARANJEIRA, PASCHOARELLI, MENEZES, 2020, p. 2)

⁷ JESUS, Carolina Maria de Jesus. Ilustração de No Martins. 1. ed. São Paulo: Ática, 2020.

que se agregam mais materiais, ou subtrativa, de onde se retira parte do material para produzir as imagens.

Matriz de relevo é aquela em que se subtrai parte do material do suporte para criar a imagem. Na matriz de relevo, é possível, através dos sulcos, entintar (espalhar tinta com um rolo emborrachado) a parte mais alta, deixando a parte mais baixa em baixo relevo, sem tinta. Ela permite inúmeras cópias. Na atitude de deixar vestígios de algo, a impressão, na xilogravura, carrega consigo a propriedade de registrar o mais fiel possível a imagem formada na matriz a ser replicada.

Na matriz de relevo, a imagem gravada é espelhada quando impressa, tendo a mesma lógica do carimbo, que também é um modo de gravar. São inúmeras técnicas para gravação, dentre elas a monotipia, que se trata da impressão de tiragem única; a xilogravura, gravura de matriz de madeira; a cologravura, feita de materiais diferentes colados na matriz a fim de reproduzir no papel a textura desses objetos; a litogravura, gravura feita em pedra; a calcogravura, gravura em metal; a cianotipia, impressão de elementos químicos e interferência da luz; o stencil, técnica em que se utiliza um molde vazado para replicar a imagem; o carimbo etc.

Dentre tantas, eu destaco a linoleogravura ou linogravura, gravura feita no material emborrachado chamado linóleo. Essa técnica é subtrativa e se assemelha à xilogravura, tendo como diferença apenas a propriedade dos suportes (madeira sendo mais rígida, linóleo sendo um emborrachado mais maleável ao corte). Foi em uma matriz de linóleo que fiz a ilustração da história da vida de Carolina Maria de Jesus.

Figura 9 - À esquerda, imagem de Carolina Maria de Jesus. À direita, ilustração feita por mim.



Fonte: Audalio Dantas. Disponível em: <https://l1nq.com/AXV5l>. E elaboração própria.

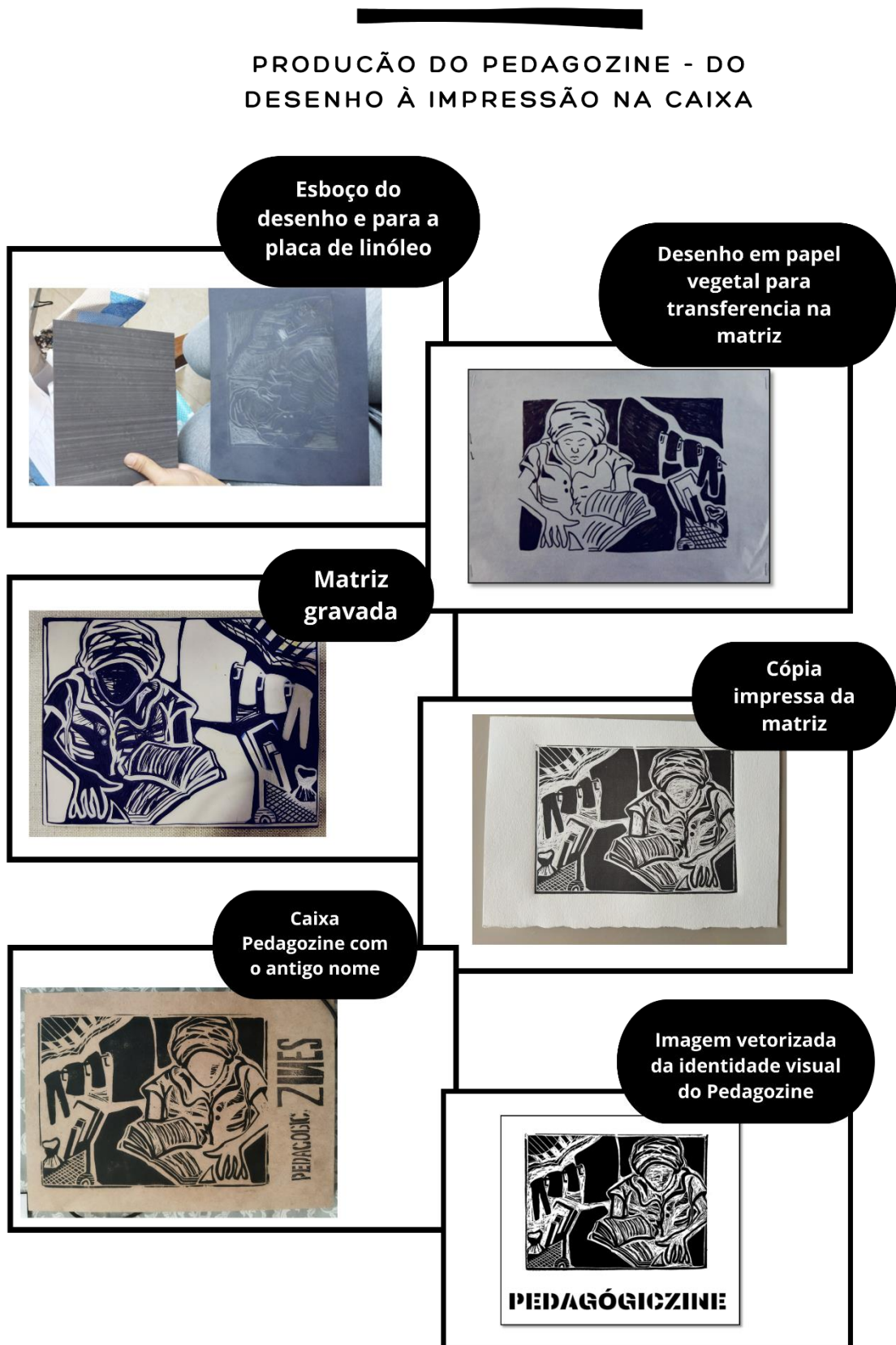
Fiz relação da experiência de imersão em ateliê para a criação dessa ilustração com minha pesquisa, pois entendo que o fanzine tem um caráter subversivo diante da normatividade das coisas, assim como ser professora-artista-pesquisadora também envolve reivindicar o desejo de existir e de ocupar espaços, por vezes negados no campo da escola. Portanto, ilustrar Carolina Maria de Jesus segurando um livro no quintal de sua residência na favela teve valor simbólico. Posto isso, a gravura que produzi se tornou a identidade visual do PEDAGOZINE.

Quanto às etapas que envolveram de forma técnica a produção da gravura, inicialmente fiz o desenho/ilustração poética de Carolina Maria de Jesus em uma folha preta, e essa coloração me ajudou a formular de forma abstrata o que, ao fim, ficaria em relevo na matriz de linóleo. Em seguida, transpondo o desenho para o papel vegetal, pude observar que a aderência para o material emborrachado, no caso o linóleo, não teve resultado satisfatório. Após realizar algumas tentativas de transferência, pude notar que é mais proveitoso desenhar diretamente na placa com caneta, ou usar lápis macio 9B ou 6B, com o papel fixo à placa, pressionando com um dos dedos e fazendo movimentos na área em que o desenho se localiza, com o objetivo de passar o traço feito a lápis no papel para o linóleo.

Posteriormente, já imersa no ateliê de gravura, coloquei a tinta *Offset* em uma superfície de pedra e, com o rolo, espalhei-a até senti-la em uma consistência mais homogênea. Depois desse processo, passei o rolo de tinta na placa de linóleo, entintando-a. No fim, coloquei o papel na prensa de gravura em relevo e fiz várias cópias para testar a matriz. Por um lado, a possibilidade de fazer cópias é uma característica do fanzine como linguagem, pois, no processo de divulgação e distribuição, são necessárias várias reproduções. Por outro, alguns artistas fazem apenas algumas cópias de seus fanzines para indicar que a tiragem é limitada, e as identificam de maneira similar ao que os gravuristas fazem com suas obras.

A caixa PEDAGOZINE é feita de *Medium Density Fiberboard* (MDF), uma chapa de fibra de madeira que não possui densidade alta, sendo esse material de comercialização popular. Em sua tampa, pressionei a placa de linóleo já entintada e fixei a imagem, formando uma gravura na superfície. É possível ver na Figura 10 as etapas descritas desse processo de imersão plástica. No infográfico, é possível ver registros feitos desde o desenho até a impressão da gravura na superfície da tampa da caixa. De certa forma, é uma imagem que se repete, mas que se transfigura a cada nova reprodução em cada etapa dessa pesquisa em ateliê.

Figura 10 - Imagem do processo de confecção da identidade visual do PEDAGOZINE



Fonte: Própria (2022).

A caixa PEDAGOZINE contém em sua maioria fanzines e materiais de apoio de minha autoria, apenas o item 7 é propriedade da quadrinista Laerte. Para a elaboração desses materiais, além do estudo de obras literárias, foi necessário dedicar-me ao estudo de materiais e técnicas em desenho, conceitos de edição digital, diagramação, editoração, experimentação de papéis para impressão, técnicas de encadernação e o material da caixa PEDAGOZINE em formato físico. Sno (2015), jornalista e zineiro, diz que “a produção de um zine é praticamente toda artesanal. [...] e Direito autoral é algo que não é levado muito em consideração”.

Quadro 2 - Lista de itens contido na caixa “PEDAGOZINE”
LISTA DE ITENS CONTIDOS NA CAIXA “PEDAGOZINE”

01	Fanzine principal que trata sobre questões interseccionais de raça, classe e gênero
02	Fôlder com informações sobre as Viradas do Ensino das Artes
03	Fanzine Grudezine
04	Pincel
05	Pote para grude
06	Envelope com folhas em branco
07	Recorte HQ da Laerte ensinando a fazer fanzines

Fonte: Própria (2023).

Na imagem da Figura 11, é possível ver as ilustrações autorais contidas nesse fanzine. Cabe mencionar que esse fanzine nunca possuiu um título, o que se deve à influência da leitura que fiz de *Quarto de Despejo*, e a opção pela ausência teve como inspiração o trecho a seguir: “marginal não tem nome” (JESUS, 2014, p. 43).

Penso os fanzines como linguagem de estética marginal, anárquica, subversiva, pois eles não se submetem, não têm a intenção de se adequar a padrões normativos, não se curvam à opressão ou *status*, e sua força poética e material está em resistir e existir diante de qualquer tempo ou espaço (característica paratópica) e está para além de qualquer hierarquia. É da natureza dos fanzines pensar, elaborar e questionar a realidade, as visualidades e o olhar.

O fanzine principal do PEDAGOZINE, que trata de questões interseccionais, atravessou o desenho. Ele contém ilustrações autorais, feitas com caneta nanquim de diferentes espessuras, tinta nanquim, pincel e papel aquarelável. Com os desenhos que criei, produzi adesivos que, a princípio, seriam parte do PEDAGOZINE, mas que foram excluídos. Dentro desse mesmo fanzine, havia páginas formadas esteticamente pela mistura de recortes e colagens com minhas ilustrações. Na Figura 11, é possível

ver algumas das ilustrações produzidas. Essas ilustrações estão contidas nas páginas do fanzine sobre questões interseccionais.

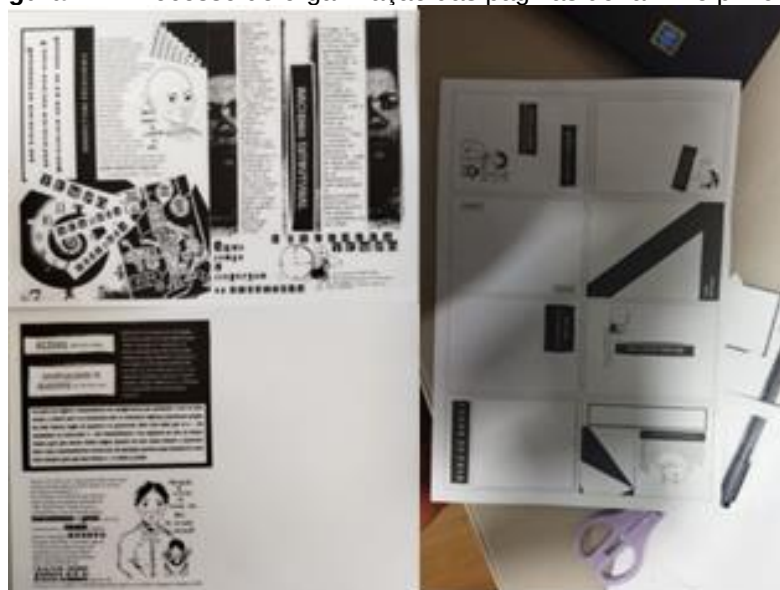
Figura 11 - Ilustrações feitas para o fanzine principal



Fonte: Própria (2023).

Por meio do estudo das páginas impressas, consigo observar alguns aspectos, entre eles: sequência ou desordem para a construção poética do objeto; possível interação do usuário com o objeto; sugestão de ordem de leitura etc. Considerando todos esses elementos, construo o boneco já imaginando e testando a dobra e os materiais necessários para sua construção e acabamento. Por fim, imprimo as páginas na ordem que defini previamente. Na Figura 12, abaixo, é possível observar alguns registros desse processo.

Figura 12 - Processo de organização das páginas do fanzine principal



Fonte: Própria (2022).

Ainda sobre o fanzine principal, como uma espécie de capa, fiz uma montagem com imagem de mulheres negras que considero inspiradoras e que me ajudaram a refletir sobre meu lugar de fala como uma mulher, professora e negra. Dentre tantas mulheres inspiradoras, escolhi: Marielle Franco, política e ativista assassinada brutalmente no Rio de Janeiro; bell hooks, professora, escritora, pesquisadora e ativista do feminismo negro e da educação; Dandara, mulher negra abolicionista que ajudou a acolher e proteger no quilombo dos Palmares negros escravizados fugitivos da escravidão; Conceição Evaristo, escritora; Harriet Tubman, abolicionista norte-americana; Maya Angelou, professora, pesquisadora, escritora e ativista, e Frances E. W. Harper, poetisa, sufragista e abolicionista.

As imagens dessas mulheres foram impressas no papel vegetal, cortadas em lâminas de tamanho A5 (mesmo tamanho do fanzine principal) e sobrepostas justamente por suas transparências e composição em ordem de impressão. Juntas, formam uma imagem só. A sobreposição das lâminas para a formação dessa imagem transmite a ideia de coletividade e sororidade da mulher negra através do tempo, e a seleção dessas personalidades enfatiza a força de resistência ante a opressão social (ver Figura 13).

Figura 13 - Fanzine principal e sua capa



Fonte: Própria (2022).

Para a arte da tampa da caixa PEDAGOZINE, fiz com borracha escolar um carimbo com a palavra “ZINE”, gravei-a na caixa com tinta de carimbo, pressionando-a da mesma maneira que fiz com a placa de linóleo e, para as demais letras da palavra Pedagógiczine, utilizei carimbos industriais. E, no campo da experimentação artística, para a construção do PEDAGOZINE, a impressão das gravuras aconteceu no Atelier de Gravura do Instituto Federal de Goiás – Campus Aparecida de Goiânia. Para a edição e diagramação dos fanzines da caixa, utilizei o programa de Word do Pacote Office 2021, e a encadernação artesanal aconteceu em minha residência, com os materiais que adquiri para costura e acabamento dos fanzines. A elaboração desses materiais demandou também estudo de obras literárias, estudo de materiais e técnicas em desenho, conceitos de edição digital, diagramação, editoração, experimento de papéis para impressão, técnicas de encadernação e até mesmo o material utilizado para a caixa, onde foi depositado o PEDAGOZINE em formato físico.

2.2 Breve discussão sobre a arte da capa do fanzine principal

Retomando a discussão sobre a escolha das mulheres reproduzidas na capa em papel vegetal do fanzine principal, elas foram de certa forma precursoras em sua época e são resgatadas historicamente de tempos em tempos devido às suas realizações frente à opressão do patriarcado e aos impactos trazidos e/ou vivenciados pela escravidão. Reflexões sobre esse período influenciaram, por exemplo, teorizações sobre o pensamento feminista negro e a educação voltada para a emancipação dos sujeitos. Segundo bell hooks:

Sem um movimento negro libertador organizado que forneça uma estrutura para a afirmação, para a educação para uma consciência crítica, estudantes negros preocupados buscam professores negros como exemplo de completude, de maneira de existir neste contexto social que permitam a celebração e a aceitação da diferença, maneiras de se integrar ao invés de se adaptar, maneiras de ser sujeito ao invés de objeto (HOOKS, 2019, p. 150).

No contexto dos fanzines de cunho pedagógico voltados para a discussão de questões interseccionais, caso dessa versão do PEDAGOZINE, o tema apresentado reafirma a importância de trazer para o contexto educacional discussões sobre problemas sociais que, na perspectiva de uma proposta de currículo pós-estruturalista, são importantes de serem confrontados, pois, além de rejeitar verdades

absolutas, nessa perspectiva de currículo, o significado não é preexistente. Ele é cultural e socialmente produzido (SILVA, 2005), portanto, passível de ser questionado.

O pensamento pós-estruturalista, assim como o estruturalista, também é pautado na linguagem, mas, diferentemente do estruturalismo, o discurso é sinônimo de poder e seus significados e impactos estão expressos na cultura. A pós-modernidade propiciou o advento das teorias pós-estruturalistas, podendo ela ser caracterizada pelo fim do otimismo em relação ao ser humano, diante da barbárie no século XX – duas grandes guerras, Holocausto, bomba atômica, genocídios de toda a espécie (LOPES, 2013).

Devido a isso, enxergar o ensino, arte e pesquisa de forma indissociada encontra espaço para, no pós-estruturalismo, elaborar pensamentos alternativos e complexos frente às problemáticas que vivemos em sociedade e à construção dos sujeitos. Tal perspectiva busca o sentido denso e intenso das coisas e estuda formatos alternativos para evocar ou provocar entendimentos e saberes cujos formatos tradicionais da pesquisa não podem ou não conseguem possibilitar (DIAS, 2013).

Pensar criticamente o que se ensina e o que é ensinado é papel de um professor, pois todos os eixos que envolvem essa perspectiva de ensino, arte e pesquisa demandam reflexão, criticidade e criatividade para responder às problemáticas contemporâneas que envolvem o sujeito no mundo.

Tendo isso em vista, vale enfatizar que esta investigação baseada em fanzines é uma PBA que, de forma metodológica, entrecruza-se com uma Pesquisa Baseada em Fanzines e se traduz em cada etapa investigativa do instrumento pedagógico PEDAGOZINE e em cada etapa da pesquisa.

2.3 Perfil das colaboradoras

Após concluído o processo de criação do PEDAGOZINE, a presença de colaboradoras se fez necessária para que, de forma empírica, fosse possível obter dados relacionados ao uso e usabilidade do instrumento pedagógico, compreender se o PEDAGOZINE poderia contribuir para a criação de fanzines relacionados às temáticas complexas e se ele poderia ser aproveitado em diferentes contextos, de acordo com a avaliação das colaboradoras, que têm experiência em diferentes funções da profissão docente e foram, de certa forma, inspiradoras e essenciais para a profissional que sou. Isso contribuiu metodologicamente para a pesquisa, pois

forneceu parâmetros e dados que, em uma análise mais aprofundada, propiciaram insumos para o aprimoramento desse instrumento pedagógico, bem como foi de suma importância para elaborar a metodologia de Pesquisa Baseada em Fanzines, como será discutido no decorrer da dissertação.

Convidei nove professoras que atuam ou atuaram na rede pública de ensino: uma professora pedagoga aposentada – Sílvia; uma diretora de escola de tempo regular – Diana; uma diretora do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) – Sueleide; uma docente da UFG, da Faculdade de Educação (FE) – Diane; três professoras pedagogas que atuam como coordenadoras e professoras regentes em suas escolas – Sandra, Luciane e Lucirene; uma professora pedagoga que, por licença sindical, atua na direção do Sindicato dos Profissionais de Educação de Goiás (Sintego) - Ludmylla; e uma professora regente de artes visuais que pertence ao quadro de professores do estado e do município de Senador Canedo – Edilene. Das nove caixas entregues, obtive retorno de seis e, por consequência, seis fanzines foram produzidos. As colaboradoras que retornaram seus fanzines autorais foram: Sandra, Luciane, Sueleide, Edilene, Sílvia e Ludmylla. Elas consentiram em ser identificadas, e optei por convidá-las por seu gênero e por suas experiências na educação. Elas deveriam corresponder ao menos a um dos perfis abaixo relacionados (ver Quadro 3):

Quadro 3 - Perfis para possíveis colaboradoras
PERFIS PARA POSSÍVEIS COLABORADORAS

Professor(a) formador(a) - ensino superior
Professor regente de área: de artes visuais - da educação básica em escolas públicas em Goiás
Coordenador(a) anos iniciais e professor(a) regente pedagogo(a) - da Rede Municipal de Educação
Coordenador(a) anos finais e professor(a) regente pedagogo(a) - da Rede Municipal de Educação
Professor(a) regente pedagogo(a) aposentado(a)
Estudante de licenciatura em artes visuais

Fonte: Própria (2023).

A colaboradora Sueleide tem larga experiência na rede privada de ensino e na RME, pois atuou na educação infantil e no ensino fundamental, primeira fase, como professora regente por 28 anos, foi Apoio Técnico Professor na Secretaria Municipal de Educação (SME) nos setores de Gerência de Lotação de Servidores e na

assistência à Diretoria de Gestão de Pessoas por nove anos e, no momento da pesquisa, era diretora de um CMEI já havia três anos, totalizando 40 anos na educação, até o momento. Sua participação nesta pesquisa foi importante porque trouxe um olhar diferenciado das experiências profissionais que adquiriu na RME.

Diana até então era diretora de uma instituição de ensino fundamental de 1º e 2º fases do ensino fundamental na RME de Goiânia, tinha 24 anos de experiência docente, sendo 18 deles como professora da SME. Nesses 18 anos, ela foi professora regente, coordenadora e diretora. Por ter uma perspectiva mais ampliada das funções que um professor pode exercer em uma escola, ela pode contribuir para essa pesquisa relacionando o potencial didático do PEDAGOZINE em diferentes etapas formativas da educação básica e o olhar de quem participou de equipes gestoras em escolas. Por outra perspectiva, mas tendo passado pelas mesmas funções de profissão docente na SME, está Sandra, que tinha 29 anos de educação básica, sendo desses 16 como coordenadora, seis como diretora e mais de 19 como professora regente.

Sob a função de coordenadoras e professoras regentes, estão Lucirene e Luciane, que exerceram essas funções, no momento da pesquisa, em regiões opostas de Goiânia e em bairros periféricos. Sabendo das dificuldades de aprendizagem e das condições das escolas em que atuaram, elas contribuíram com a pesquisa ao trazerem a perspectiva de quem precisa observar questões de didática dentro e fora da sala de aula. Lucierene e Luciane tinham, respectivamente, 24 e 25 anos de profissão.

A colaboradora Ludmylla, em particular, na ocasião da pesquisa, havia ocupado os cargos de Secretária Geral e Presidente do Sintego e, até então, tinha 25 anos de magistério, sendo 15 na RME de Goiânia, 10 em escolas privadas e cinco na equipe diretiva desse mesmo sindicato. Sua colaboração foi importante porque, além de ter sido professora regente e gestora de um CMEI, tinha a experiência na luta sindical das pautas da educação e dos direitos dos professores no Estado de Goiás. Dentro das questões interseccionais, essa visão mais ampliada da luta, das políticas públicas e da valorização da profissão docente trouxe aspectos importantes que comungam com o tema da interseccionalidade no que tange a classe, raça e gênero.

Sílvia, professora aposentada, teve 22 anos dedicados à educação, seja como professora com magistério, seja como pedagoga regente em escolas da prefeitura de Goiânia, e foi por 16 anos alfabetizadora pelo método Montessori. Teve também,

dentro desses 22 anos de serviços prestados à RME, a função de Apoio Técnico Professor da SME na parte administrativa.

Já Diane, de acordo com seu currículo⁸, é Graduada em História pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB – 1990), Mestra em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG – 1999), Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp – 2006) e realizou um estágio de Pós-Doutorado na Universidad Nacional de La Plata (UNLP 2012-2013). Professora Associada II da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, tem experiência de docência, pesquisa e extensão na área de História, com ênfase em História da Educação, principalmente nos seguintes temas: infância e educação, impressos escolares, biografias de educadoras/es, instrução e educação regional, livros seriados de leitura, ensino primário, literatura e história. Também é autora de livros didáticos de história para o Ensino Fundamental e de livros literários para crianças, ativista e militante de movimentos dos Direitos Humanos. Além disso, foi professora da linha de “Estado, Políticas e História da Educação” da pós-graduação da FE/UFG.

Edilene ingressou no ano de 1999 na Universidade Federal de Goiás para cursar a antiga disciplina de Educação Artística – Habilitação em Artes Plásticas, que sofreu uma mudança de nome e de grade curricular, passando a se chamar Artes Visuais – Licenciatura, sendo Edilene estudante do primeiro ano desse novo curso, no qual se graduou em 2003. Ela atuou como professora, até então, por 24 anos e, desses, em 19 foi professora regente de artes visuais, tendo experiências na rede privada, na RME de Goiânia, de Senador Canedo e como professora do Estado também. Seu trabalho na EJA nas escolas estaduais teve por fundamento uma formação humana que focava nas subjetividades dos sujeitos e suas histórias de vida, performance⁹ e intervenções no espaço escolar. Sua participação nessa pesquisa foi de grande importância, pois possibilitou, dentro da perspectiva de análise do percurso

⁸ Currículo de Diane Valdez. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5617742642148007>. Acesso em: 8 maio 2023.

⁹ A performance é uma expressão artística em que o corpo é utilizado como um instrumento de comunicação que se apropria de objetos, situações e lugares - quase sempre naturalizados e socialmente aceitos - para dar-lhes outros usos e significações. Como arte que se ocupa do corpo, atravessou suas distintas concepções, buscando questionar limites e fronteiras da cultura e do cotidiano a ele associados em nossa sociedade. Hoje, usando mediações tecnológicas, promove outros modos de apresentação do corpo, ao mesmo tempo que se propõe a repensá-lo, convidando-nos a refletir sobre os novos desafios da arte e do corpo na atualidade (GONÇALVES, 2004, p. 76).

metodológico da Pesquisa Baseada em Fanzines, criar categorias mais sólidas sobre o tema abstração por meio da análise de seu fanzine autoral.

Cada colaboradora poderia ficar em torno de dois meses com o material físico, e só após a devolução do fanzine feito por elas é que foi enviado um formulário, no formato de questionário eletrônico, objetivando averiguar o uso e usabilidade do objeto. A coleta se iniciou no dia 09 de agosto e fui pessoalmente ao encontro de cada colaboradora entregar o termo de compromisso do Comitê de Ética em Pesquisa e sanar eventuais dúvidas.

O término da coleta ocorreu após a entrega do último fanzine e com o preenchimento do último formulário, no dia 13 de outubro. As colaboradoras tiveram acesso a uma plataforma¹⁰ em que é possível acessar a versão digital em formato PDF de todos os elementos contidos na caixa. Cada uma delas fez o próprio fanzine a partir do tema norteador – interseccionalidade –, e esses fanzines se tornaram arquivos para análise nessa investigação. Obter esses dados fundamentou essa pesquisa no que tange aos aspectos necessários para aprimoramento e análise do potencial didático do PEDAGOZINE.

De fato, a partir da pesquisa em arte, foi possível representar, elaborar e sistematizar conceitos interseccionais que sustentaram a criação da caixa PEDAGOZINE como instrumento pedagógico, a fundamentação de uma metodologia de Pesquisa Baseada em Fanzines e a elaboração de um instrumento avaliativo, PROVAZINE, até chegar ao formato final da caixa.

2.4 Análise formal e de conteúdo

Os temas escolhidos pelas colaboradoras transitaram entre as questões de raça, classe, gênero e educação. A sistematização do material coletado ocorreu por meio de análise de conteúdo e formal dos fanzines feitos pelas colaboradoras, fruto da experiência com o PEDAGOZINE. As categorias criadas para o estudo desse material foram: Forma, Tema, Temática, Palavras que evocam imagens, Relação com o ensino de artes visuais, Área de atuação das colaboradoras e Elementos abstratos, e estão descritas nessa subseção. Houve, posteriormente, a aplicação de um questionário com o intuito de observar questões de uso e usabilidade desse

¹⁰ Plataforma: PEDAGOZINES. Disponível em: <https://PEDAGOZINES.wordpress.com/>. Acesso em: 8 maio 2023. **Senha: 753.**

instrumento pedagógico a partir da avaliação das colaboradoras. A sistematização para análise dos fanzines constituiu a metodologia que intitulei de Pesquisa Baseada em Fanzines (PBF).

Ao analisar o fanzine da colaboradora Edilene, acrescentei a categoria de análise “elementos abstratos”, pois as demais categorias já não eram capazes de contemplar um estudo mais aprofundado que esse fanzine demandou. Ao pensar na perspectiva dos fanzines no campo filosófico da expressividade (como sugeriu Edgar Franco ao criar o gênero Quadrinhos Filosóficos), tomo por base as ideias de Thomas Kuhn, que atribuiu ao código uma visão para além da semiótica da linguagem. Trata-se de uma filosofia da linguagem muito mais preocupada com definições e paradigmas entre as imagens e seu entendimento (taxonomia que colabora para o conceito de verdade).

Em busca de uma definição mais adequada para a análise do fanzine da colaboradora Edilene, no que se refere à categoria elementos abstratos, retomei a perspectiva de Groensteen a propósito dos quadrinhos abstratos, considerando a obra dessa colaboradora um fanzine infranarrativo. Logo abaixo, no Quadro 4, descrevo brevemente essas categorias norteadoras que utilizei para a sistematização da análise metodológica que fundamenta a PBF.

Quadro 4 - Quadro descritivo das categorias de análise
QUADRO DESCRITIVO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Forma	Averiguar conteúdos formais: quantidade de páginas, imagens, elementos textuais, tipos de dobras e/ou costuras, materiais e técnicas utilizadas.	
Tema	Elencar o tema abordado pelo fanzine	
Temática	Elencar a temática abordada pelo fanzine	
Palavras que evocam imagens	Destacar palavras que evocam imagens, visualidades ou conceitos.	
Relação com o ensino de artes visuais	Evidenciar a relação com o ensino de artes visuais presente de forma explícita ou implícita no fanzine	
Área de atuação das colaboradoras	Relacionar a área de atuação profissional e vivências das colaboradoras e inferir como tais aspectos influenciaram no discurso que abordaram em relação à temática.	
Elementos abstratos	Elementos abstratos que compõem o fanzine e que podem ser enquadrados em uma das duas categorias ao lado.	Fanzine abstrato
		Fanzine infranarrativo

Fonte: Própria (2023).

A categoria Forma foi necessária porque era preciso considerar aspectos técnicos dos fanzines construídos, como a quantidade de páginas e imagens, imagens

como texto, técnicas utilizadas, dobras e costuras do fanzine. Isso foi importante, pois permitiu identificar técnicas em comum entre os trabalhos. Dos seis fanzines que recebi, quatro tinham dobra simples de um fanzine de uma folha, e a instrução para fazer esse tipo de dobra estava presente no cartão apresentação (ver Figura 14) e no recorte do quadrinho de Laerte (ver Figura 15), em seu trabalho na *Revista Piratas do Tietê*, em 1991.

Figura 14 - Última página do cartão-apresentação do PEDAGOZINE

INSTRUÇÕES

By www.tellidale.org.uk

LISTA DE ITENS

NUMERAÇÃO	ITEM
1.	Fanzine
2.	Viradas Ensino de Artes
3.	Fanzine Grudezine
4.	Pincel
5.	Grude
6.	Envelope com folhas em branco
7.	Zine da Laerte

Dobre a folha em 8 partes, conforme descrito na imagem. Recorte apenas o meio da página. Dobre a folha e forme seu pequeno livreto. Você já pode construir o boneco (esboço) do seu zine. Dê um título a ele e não se esqueça de que a versão final deverá ser entregue, posteriormente.

Fonte: Cartão-apresentação do PEDAGOZINE

Figura 15 - Como Produzir um Fanzine – Laerte (1991)



Fonte: Laerte. Edição n. 9 da revista *Piratas do Tietê* (1991)

As técnicas predominantes na construção das páginas dos fanzines das colaboradoras foram a colagem de imagens disponíveis na internet, o uso de hachuras e textos digitados e manuscritos, a exemplo, na Figura 16, em que podemos ver algumas páginas dos fanzines das colaboradoras, nas quais esses recursos de construção poética e visual estão presentes e foram usados para comunicar suas ideias.

Exceto as colaboradoras Edilene e Sílvia, as demais encontraram dificuldade em construir esteticamente seus fanzines e, em diálogo, disseram-me que

pesquisaram exemplos disponíveis na internet. Para a colaboradora Sandra, essas pesquisas foram incluídas em seu fanzine. Ela desconhecia o que eram hachuras e, após pesquisa sobre dicas de desenho, passou a usá-las para compor suas páginas.

Figura 16 - Da esquerda para a direita, páginas dos fanzines das colaboradoras Sueleide, Sílvia, Edilene, Luciele, Sandra e Ludmylla.



Fonte: Arquivo Pessoal da autora (2022)

Cada uma construiu de forma autoral seus trabalhos e a temática escolhida pelas colaboradoras para discutir em seus fanzines teve como norte as questões interseccionais e as conexões feitas com a experiência profissional de cada uma. O tema foi identificado a partir das questões interseccionais mais pungentes observadas no fanzine. Com relação à temática foi preciso analisar o teor do conteúdo, as palavras que evocam imagens, considerando a temática e a relação simbólica que provocam impacto sobre a leitura do fanzine.

As temáticas abordadas pelas colaboradoras Edilene, Ludmylla, Sueleide, Sandra, Luciane e Sílvia foram, respectivamente: diversidade, história do movimento

sindical, diversidade em raça, classe e gênero, autismo, consciência de classe e eleições 2022. Na imagem abaixo, está representada a capa de cada um dos fanzines.

Figura 17 - Capa dos fanzines das colaboradoras respectivamente: Edilene, Ludmylla, Sílvia, Sueleide, Sandra e Luciane.



Fonte: Própria.

O fanzine de Edilene se relacionou com sua maneira de ensinar. Por uma ótica mais poética, ela contribuiu com um fanzine cheio de abstrações e subjetividades para falar sobre gênero. O fanzine de Ludmylla tem uma forte ligação com a sua atual função como sindicalista, pois ela trata em sua obra a história do sindicalismo no Brasil e da luta de classes. Aproxima-se desse tema o zine de Sandra, que trata da consciência de classe. Ao lado do fanzine dessa colaboradora, está o de Sílvia, que fez um trabalho que englobou questões de raça, classe e gênero. Porém, conforme leitura, foi possível identificar uma ênfase para questões de raça.

Em seguida, o fanzine de Sueleide se aproximou de seu dia a dia ao abordar um tema que lhe era caro como diretora e professora, devido à experiência docente que acumulou com seus 40 anos na educação e que se apresentou como um desafio enquanto gestora: o autismo. O trabalho de Luciene teve como temática o poder do

voto, e o ano em que participou da pesquisa coincidiu com o ano de eleições para o cargo de presidente da república deste país.

Retomando o trabalho de Edilene, a categoria elementos abstratos somente foi pensada após a análise do fanzine de Edilene. O fanzine dessa colaboradora me levou a pesquisar sobre abstração em quadrinhos e a investigar uma possível relação com os fanzines. Segundo Silveira (2018):

Molotiu (2009) entende como quadrinho abstrato toda história em quadrinhos formada por (1) uma sequência de imagens não figurativas e (2) toda sequência com elementos figurativos, mas cuja justaposição das imagens não crie narrativa coerente. Essa definição dos quadrinhos abstratos, que passa cada vez mais a ser objeto de interesse na pesquisa acadêmica, Thierry Groensteen, em seu artigo “La bande dessinée à l’épreuve de l’abstraction” (2011) afirma que apenas a primeira definição de Molotiu pode ser enquadrada como Quadrinhos abstratos, pois a segunda definição seria um quadrinho infranarrativo (p. 500).

A partir das ideias desses autores, é possível concluir que ter uma sequência ordenada dos acontecimentos em um quadrinho não é fundamental para a construção dele, sendo a abstração uma possibilidade cujo ordenamento foge à lógica em que comumente se lê ou se entende um quadrinho. E quando perguntada sobre sua experiência ao criar seu fanzine, que tem a característica da abstração, ela disse:

Falar sobre questões tão fortes, porém, necessárias no contexto atual, como raça, classe e gênero, me fez refletir que tipo de arte poderia me atingir enquanto meio de luta. Eu quero falar, e quero ser ouvida, não gosto de gritar, não gosto de provocar dor, quero lutar sendo serena, leve, suave, estou cansada da dureza da vida, da frieza política. Talvez toque alguém que assim como eu ainda tem esperança.

As páginas do fanzine feito por Edilene e o material de apoio apresentado por ela para a composição desse fanzine podem ser vistos na íntegra no Anexo E dessa dissertação. Segue abaixo a imagem das páginas abertas e uma das faces do fanzine dessa colaboradora (ver Figura 18).

Figura 18 - Páginas do fanzine da colaboradora Ediene

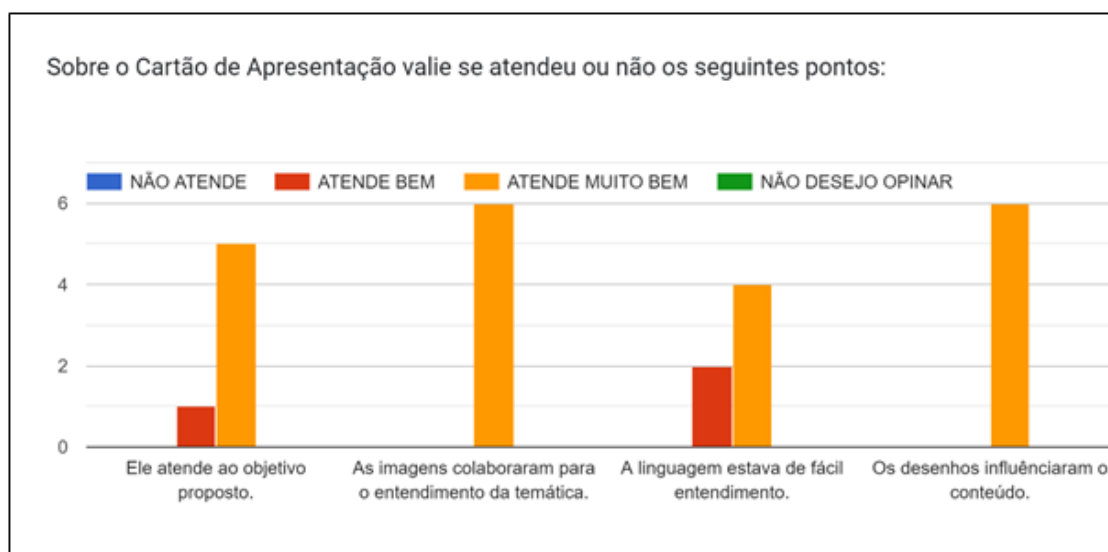


Fonte: Arquivo Pessoal (2022).

2.5 Análise dos formulários eletrônicos respondidos pelas colaboradoras

Após a entrega dos fanzines autorais por parte das colaboradoras, foi disponibilizado a elas um formulário eletrônico para averiguar questões de uso e usabilidade do instrumento pedagógico, e elas apontaram sugestões para aprimoramento do PEDAGOZINE. Nessa seção, apresento cada aspecto analisado por elas no preenchimento dos questionários.

Ao avaliarem o cartão-apresentação do PEDAGOZINE, foi observado que ele não atinge por completo sua função de apresentar a proposta com clareza. Segundo as colaboradoras, houve dificuldade de compreensão devido à linguagem utilizada para descrevê-la. Por outro lado, foi de consenso que as imagens propostas colaboraram e para o entendimento da temática e influenciaram o entendimento do conteúdo.

Gráfico 2 - Avaliação de uso e usabilidade do Cartão apresentação do PEDAGOZINE

Fonte: Autoria Própria (2022).

Para o aprimoramento desse item do PEDAGOZINE, foram sugeridos, pelas colaboradoras, exemplos mais claros de como fazer o fanzine de uma folha apenas. Além disso, para facilitar o entendimento do que são fanzines, seria interessante disponibilizar de imediato no cartão-apresentação o link de acesso aos slides onde expliquei o que são fanzines.

A partir do que pode compreender do PEDAGÓGICZINE, ela deveria criar o seu próprio fanzine. No recorte do cartão-apresentação disponibilizado abaixo, é possível identificar que a redação dessa instrução trouxe dúvidas à colaboradora e a induziu a pensar que a criação de seu fanzine não deveria ter conexão direta com as questões interseccionais. Uma solução seria reformular todo o texto.

Figura 19 - Recorte do texto instrucional do cartão-apresentação

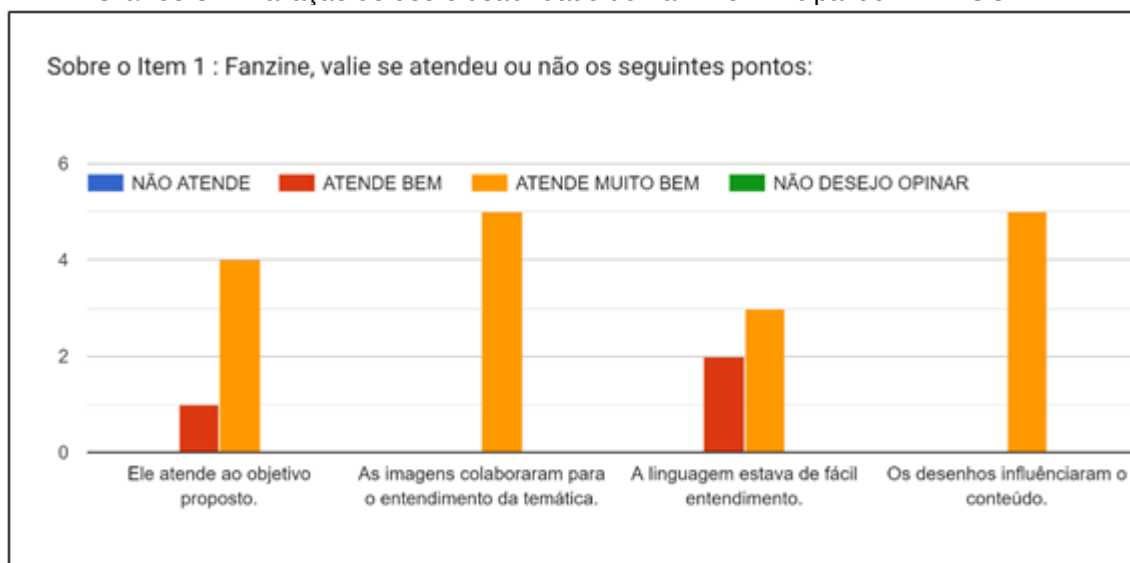
O objeto que está em suas mãos tem por objetivo aprimorar um material pedagógico para discutir temas interseccionais, raça, classe e gênero. Ele é direcionado a profissionais que ministram aulas de Arte na Educação de Básica e se propõe evidenciar o uso dos Fanzines (zines) como uma linguagem potente para síntese e apreensão de temas complexos. Outro objetivo é proporcionar uma reflexão aprofundada sobre a relação entre as narrativas da história do ensino de Artes Visuais com as questões interseccionais. **A partir do que pode compreender do PEDAGÓGICZINE, você deverá criar o seu próprio fanzine.**

Fonte: Autoria Própria (2022).

Da avaliação feita sobre o fanzine principal, foi possível identificar que a discussão sobre o tema interseccionalidade trouxe elementos complexos para sua compreensão e, para facilitar o entendimento deste fanzine, ele deveria abordar o

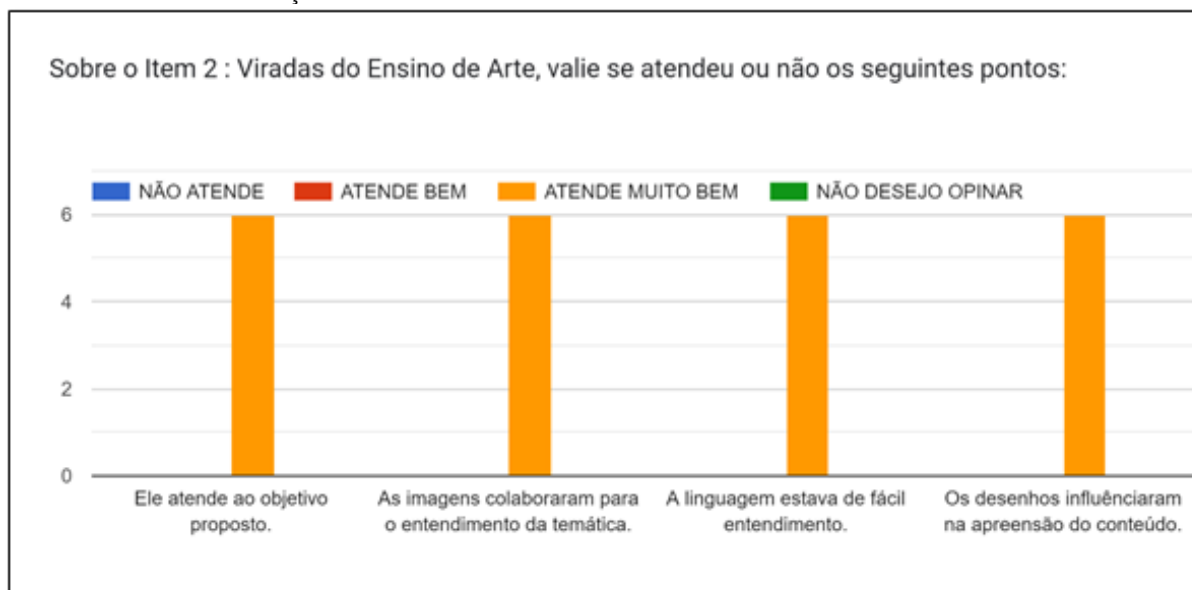
tema por meio de uma linguagem mais acessível. O único apontamento que sugeriu diretamente aprimoramento desse item foi feito pela colaboradora Sílvia, que enfatiza que nele também deveria haver um texto explicitando que os fanzines feitos pelas colaboradoras deveriam ter ligação direta com o tema norteador presente no mesmo.

Gráfico 3 - Avaliação de uso e usabilidade do Fanzine Principal do PEDAGOZINE



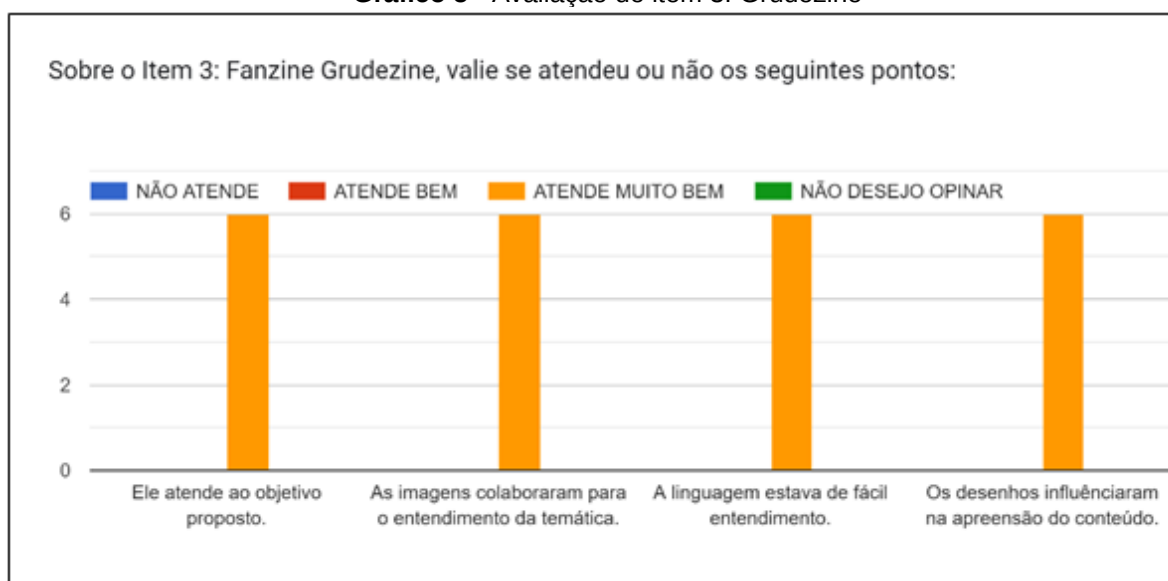
Fonte: Autoria Própria (2022).

O Gráfico 4 mostra a avaliação feita pelas colaboradoras sobre o item 2, que apresenta um texto esquemático sobre as Viradas do Ensino das Artes no Brasil e, segundo elas, atendeu muito bem ao seu propósito. Esse item teve a intenção de que as colaboradoras pudessem, por meio de sua leitura, relacionar alguns momentos de transição do ensino de artes no Brasil com as questões de raça, classe e gênero presentes na educação sob diferentes percepções de currículo. O único comentário feito sobre esse foi da colaboradora Sílvia, que disse: “Parece que cada matéria tem vida própria, são bem elaborados, são intensos. Precisa de um tempo de experimentação para relacionar um ao outro”. Com isso, foi possível concluir, transitar pelos objetos do PEDAGOZINE, no sentido de ir e vir, o que foi considerado por essa colaboradora algo fundamental para a compreensão do que conecta um item ao outro em termos de carga teórica para a elaboração dos conhecimentos correlacionais adquiridos por meio do PEDAGOZINE.

Gráfico 4 - Avaliação de uso e usabilidade do texto sobre as Viradas do Ensino das Artes

Fonte: Autoria Própria (2022).

Assim como o item 2 desse instrumento pedagógico, o item 3, que se refere ao que intitulei de Grudezine, ao ver das colaboradoras (ver Gráfico 5), atendeu muito bem ao seu objetivo como fanzine instrucional, ao ensinar a fazer grude e propor uma intervenção com fanzines como lambe-lambes, prática que intitulei de Lambezines. Para esse item, não houve sugestão de modificação, e os comentários acerca dele foram de duas colaboradoras. Uma delas disse: “Achei fantástico fazer o grudezine. Me remeteu às memórias da minha infância e resgatou muitas funcionalidades esquecidas”. Já outra colaboradora disse que este fanzine a lembrou de que podemos e devemos nos reinventar a cada dia.

Gráfico 5 - Avaliação do item 3: Grudezine

Fonte: Autoria Própria (2022).

Com relação ao item 7, que é um recorte da revista *Piratas do Tietê*, na qual a quadrinista Laerte ensina como fazer um fanzine, 100% das colaboradoras afirmaram que esse item colaborou como auxílio pedagógico dentro do PEDAGOGIC ZINES. Dado significativo, visto que, para metade das colaboradoras, os fanzines eram uma linguagem desconhecida até então. Em resposta à experiência de terem criado os próprios fanzines, destaco o depoimento das colaboradoras Sílvia e Sandra:

Depois da compreensão de fazer FANZINE a partir do material e dos temas interseccionais, raça, classe e gênero, apresentados, pelo PEDAGOGIC ZINES desta autora, foi muito enriquecedor construir meu próprio FANZINE. Pesquisar o conteúdo, seus recortes e matérias foi de grande contribuição para apreensão e conscientização histórica, cultural e pedagógica para nós enquanto cidadão/ professor crítico, participativo e disseminador desse tema (Sílvia, 17/10/2022).

Percebo que o Zine é um instrumento que possibilita e favorece o conhecimento de qualquer temática. O tamanho, a praticidade e a criatividade fazem ao mesmo tempo fluir ideias e enriquecer o objeto temático. Além disso, fazer o Zine é um momento que se rompe com as estruturas tradicionais de conhecimento e tornando-o mais leve e gostoso (Sandra, 19/10/2022).

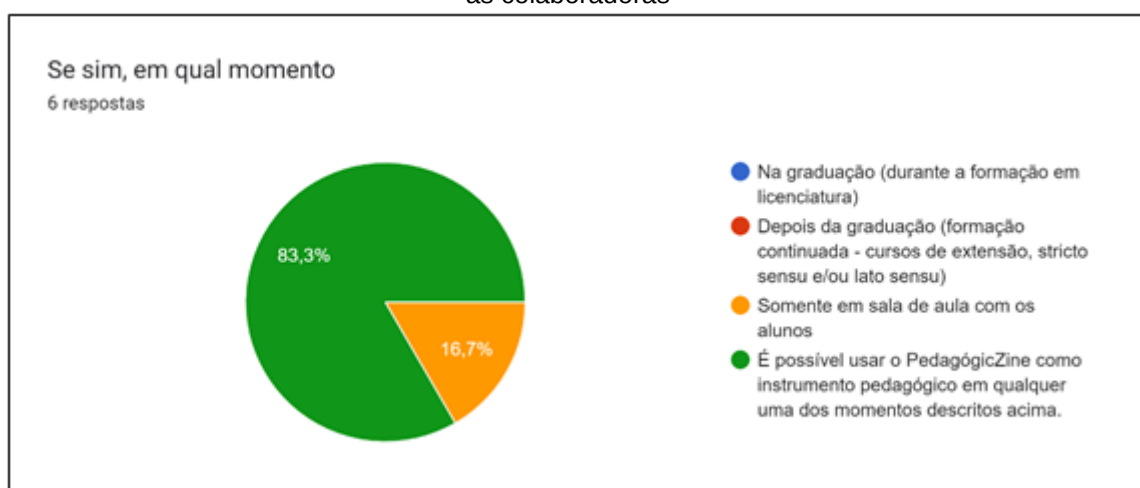
Destaco também a fala de Ludmylla, que foi uma colaboradora que teve dificuldade em realizar a dobra do fanzine de uma folha. Vale recordar que o contexto profissional dessa colaboradora no momento da pesquisa foi na direção do maior

sindicato do Estado de Goiás e que, em seu fanzine, ela deu enfoque às questões de classe. Em depoimento, ela disse:

Foi uma experiência diferente! Nunca tinha ouvido falar em zine. Dobrar o Zine foi meu maior desafio. Quase que desisto! Ainda bem que a pesquisadora me subsidiou de vídeos de passo a passo, até que, enfim, saiu. Adorei o tema! Leva as pessoas a refletirem sobre o trabalho e a luta de classe. Está de parabéns! (Ludmylla, 17/10/2022).

Dentre os dados apresentados pela análise dos formulários, 100% das colaboradoras afirmaram que o PEDAGOZINE poderia ser utilizado em seus fazeres docentes e, conforme o Gráfico 6, é possível identificar que a etapa que a maioria das colaboradoras considera adequada vai desde a Educação Básica até diferentes níveis de pós-graduação.

Gráfico 6 - Gráfico que sinaliza as etapas em que o PEDAGOZINE poderia ser utilizado, segundo as colaboradoras



Fonte: Própria (2022)

Como dado final da análise desses questionários, foi possível perceber que, de acordo a colaboradora Ludmylla, o PEDAGOZINE tem potencial didático de “*reflexão sobre a realidade de forma crítica e criativa*”. Por fim, apresento o relato da colaboradora Luciane sobre sua experiência com a caixa PEDAGOZINE. Ela disse: “*O Zine possibilita vários momentos: pensar o tema, planejar, escolher e elaborar o pensamento para que sua ideia seja concretizada no Zine. É um recurso pedagógico bem completo*”.

Concluo da experiência que relatei sobre a criação do PEDAGOZINE e com esse processo de imersão artística em gravura, que os fanzines têm um potencial

criativo e substancial quando utilizados no campo pedagógico. A partir deles, é possível construir conhecimento em qualquer etapa formativa ou mesmo fora do contexto educacional, quando trazemos como temática assuntos pertinentes aos problemas sociais, deixando que a expressão artística também seja reflexo de nossas críticas, que as fundamentações questionem a realidade em que vivemos e impulsionem os sujeitos a serem agentes transformadores do mundo. A exemplo disso, há conexão entre o que aprendi em minha prática de pesquisa, a imersão em ateliê e as aulas teóricas do curso de mestrado, que influenciaram e afetaram meu fazer docente ao me aproximarem cada vez mais da noção de que a pesquisa baseada em arte reside todos os dias em sala e aula. É um campo fértil para investigação e criação de potencial ainda maior quando atravessada pelos fanzines.

O fanzine promove a expansão da criatividade, da argumentação e discussão em torno das problemáticas sociais, sem excluir o fator artístico, a experiência e a imaginação, e se pauta pela ausência de método cartesiano, pois, por si só, no caos se ordena, e isso é um ganho quando levado ao campo educacional, principalmente na perspectiva de um currículo integrado. Nesse sentido, Andraus aponta que:

Os fanzines, como forma livre de criação, podem dar significativa contribuição ao processo de elaboração pessoal (autoral) e de manutenção da psique criativa e artística (que o ensino cartesiano, à revelia, suprimiu), bem como ampliar os laços de fraternidade, pois em instância primeva e essencial, não trazem o quesito econômico do ganho capital, tornando em primeira instância a criatividade (já mencionada) e a fraternidade na troca de ideias (e de fanzines, ainda que alguns sejam vendidos, mas geralmente sem visar lucratividade), além de prorrogarem o status de arte (ou, pelo menos, nas fronteiras dela) já que o processamento criativo de um zine pode fomentar a autoridade, a pesquisa e o labor metodológico similar ao de um trabalho artístico, com a riqueza de sua leitura, tanto temática (não só literária, mas também – e muitas vezes – imagética, incluindo os formatos distintos que permitem leituras mais ousadas de suas páginas/formas) (ANDRAUS, 2021, p. 93).

Por meio da experiência das colaboradoras com o instrumento pedagógico PEDAGOZINE, o tema da interseccionalidade, por sua relevância, foi alvo de reflexão por parte delas, e o fanzine permitiu o trânsito entre aquilo que é teórico e aquilo que é imagético. O fanzine, enquanto linguagem, permitiu de forma criativa que essas reflexões se concretizassem em uma estética visual que buscou conexões com suas histórias de vida e com a experiência docente de cada uma.

No capítulo seguinte, relato a experiência que tive ao criar o instrumento avaliativo em fanzines, o qual intitulei de PROVAZINE. Ele parte do mesmo princípio

de que é possível discutir temas complexos por meio dos fanzines, e que, no ambiente escolar, por meio da minha experiência docente, foi uma resposta criativa para demonstrar e compartilhar os conhecimentos adquiridos em sala de aula.

3 PROVAZINE: O FANZINE COMO INSTRUMENTO MEDIADOR PARA A AVALIAÇÃO EM ARTES VISUAIS

Nesse capítulo, relato o percurso metodológico que me levou à criação da PROVAZINE como instrumento avaliativo em artes visuais, citando brevemente diferentes percepções de currículo e como elas se relacionam com o ensino de artes visuais. Apresento o método que utilizo para a criação de meus próprios fanzines e descrevo as estratégias que utilizei para levar a PROVAZINE para o dia a dia da sala de aula. No fim, estabeleço critérios para a avaliação da PROVAZINE.

No decorrer de meu fazer docente, observei que a avaliação em Artes Visuais tem como empecilho a dificuldade de encontrar uma padronização nos critérios avaliativos, devido à discordância no entendimento de termos-chave próprios dessa área do conhecimento, o que pode dificultar o julgamento sobre a qualidade conceitual e visual de trabalhos que requerem avaliação. Essa dificuldade se amplifica quando se trata de avaliar uma turma inteira (no meu caso, turmas do Ensino Fundamental), o que leva pesquisadores a repensar a essência da educação e da arte no contexto escolar.

Uma avaliação somatória que se preocupa acima de tudo em quantificar o alcance de um padrão determinado de “certo” e “errado” serve para gerar índices, números e estatísticas para alimentar dados desconexos com a realidade da vida dos estudantes. É uma avaliação que não se preocupa com uma educação humana e integral, mas serve ao mercado e à manipulação da massa, que, de forma alienada, associa índices como sinônimo de uma educação exemplar para a formação de cidadãos, quando esta, na verdade, segrega, exclui, apaga, diminui, marginaliza e reduz pessoas a números, ignorando aspectos de classe, raça e gênero (interseccionalidade).

Nesse viés, a proposta de uma educação pós-modernista deu espaço para discutir o assunto nas universidades e propiciou pensar avaliações em arte levando em conta as questões multiculturais, bem como os embates entre cultura popular e cultura erudita, tecnologias, originalidade e expressão, entre outros aspectos que atravessam a arte. Para o pós-modernismo, o sujeito é fragmentado, não o centro das ações sociais. Ele é coordenado pelas estruturas da sociedade, pelas instituições, e vai na contramão de um pensamento linear, rígido e fixo do que se atribui ser verdade.

Ele é híbrido e tem predileção pela diversidade de corpos, pensamentos, ações, não segue necessariamente uma racionalidade sequenciada para a descrição dos fenômenos sociais, da natureza ou dos fatos e não admite verdades absolutas. Dá liberdade ao sujeito de criar novas epistemologias, encontra-se na vanguarda e incomoda certos espaços, pois ainda hoje é visível uma resistência ao modo modernista de pensamento, o que requer que questionemos micro e macrorrelações de poder.

Com relação às tendências pedagógicas, no ensino de Arte do início do século XX, na perspectiva tradicional, o desenho era visto como fator utilitário na formação técnica para o mercado de trabalho. A perspectiva de ensino tecnicista continha vestígios do sistema escravista vivido no Brasil Colônia, quando a educação para os negros e para as classes mais pobres era feita com o objetivo de reproduzir mão de obra barata.

Portanto, como afirma Cunha (2005), não é possível entender a educação de um povo separando-a da questão da escravidão. Ele enfatiza que, nessa perspectiva, as pessoas precisavam ser educadas para ver o trabalho como um dever, o que lhe dava um caráter civilizatório. Sobre essa distinção, Guimarães, A. (2019) aponta:

O Desenho foi uma ponte entre as experiências estéticas do povo e da elite. Professores-artistas ensinavam o método tanto para os estudantes das Academias, dos Liceus Imperiais quanto para os Liceus de Artes e Ofícios. Ao pensar o Desenho como ponte, penso também nos intercâmbios entre uma classe alta privilegiada e uma massa de trabalhadores (negra, em sua maioria) dialogando a partir de um campo de conhecimento técnico e expressivo que não privilegiava origem, títulos e cargos — é possível pensar noutras formas da prática/ensino do Desenho em grupos sociais populares desprendidos das instituições (p. 74).

Prevalece na pedagogia tradicional do ensino de arte a cópia de imagens e objetos, sendo valorizados somente desenhos que respeitavam de forma imitativa as regras de proporção no realismo das imagens e a geometria das formas, sendo o propósito das imagens reduzido a ilustrar e não estimular a reflexão. O professor é detentor e transmissor do conhecimento, cabendo ao estudante memorizar, absorver, fazer com precisão o que se pede e não questionar.

No movimento da Escola Nova, que surge por volta dos anos 30, iniciada por Anísio Teixeira, a partir das ideias de John Dewey, a "Arte como experiência consumatória" foi difundida erroneamente, como sendo o produto final de uma aula

de artes “bem-sucedida”, e não aquilo que permeia todo o processo de aprendizagem que atravessa uma construção pictórica.

Trata-se de uma compreensão distorcida da livre expressão, na qual o ensino de arte é um eterno “*laissez-faire*”, inimigo das demandas de uma educação tecnicista ou mesmo da tendência progressista. Com a criação da Lei n. 4024, de 20 de dezembro de 1961, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, a noção do ensino de arte mudou, pois foram definidas disciplinas específicas, o ensino foi segregado, e a arte deveria ser vista não mais como auxiliadora na aprendizagem de outras matérias. Nesse sentido:

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira n. 4024 de 20 de dezembro de 1961 trouxe ainda mais mudanças: a principal foi a resposta às questões originadas do novo contexto em que se vivia no país e das discussões no âmbito educacional, definindo claramente o papel do Estado na educação e optando pelo caráter humanístico do ensino e a formação do estudante. Propôs uma organização do currículo escolar compreendendo disciplinas e práticas educativas, entre elas a arte. Com essa nova dimensão a arte deixa de ser compreendida como um campo preferencial de saberes sistematizados e, como as demais, torna-se uma prática para aprimorar a “personalidade” e hábitos dos adolescentes (FERRAZ; FUSSARI, 2018, p. 54).

Em um salto temporal um pouco maior, a lei de 1971 determinou a polivalência na formação do professor de arte, o que significou que, da 1ª à 8ª série, um mesmo professor deveria ensinar as quatro linguagens artísticas. Várias escolas especializadas na formação artística foram abertas durante o período militar. Porém, sabe-se que a obrigatoriedade do ensino de artes nesse período tinha por objetivo a segregação social da educação.

Os filhos dos operários recebiam um ensino tecnicista voltado para a profissionalização e a formação de mão de obra barata, enquanto os filhos da classe com maior poder aquisitivo eram preparados para os vestibulares por meio de aulas voltadas à criticidade e leitura de mundo. Assim, a relação histórica de dominante e dominador se mantinha.

A Semana de Arte Educação intensificou os debates em torno do tema e, em 1973, foram criados os primeiros cursos de licenciatura em Educação Artística e, já na década de 80, os cursos de pós-graduação. É possível observar a noção de que a expressão só existe em oposição à elaboração e síntese de pensamentos complexos. O que faz com que associem até hoje o ensino de arte (juntamente com a palavra “escolinha”) a algo simplista, infantilizado e que demanda pouco esforço cognitivo.

Já a tendência realista-progressista tem a intenção de promover um ensino voltado para a reflexão das contradições e conflitos sociais de forma crítica, colocando o sujeito como fruto de um materialismo histórico. Paulo Freire foi o maior difusor dessas ideias, defendendo uma pedagogia autônoma para a liberdade do sujeito contra a opressão social imposta. Essa visão se aproxima da perspectiva modernista de currículo e educação, sendo que é por meio desse sujeito racional, autônomo e democrático que se pode chegar ao ideal moderno de uma sociedade racional, progressista e democrática. Nesse sentido, o questionamento pós-modernista constitui um ataque à própria ideia de educação (SILVA, 2005).

Apesar desse movimento da ampliação da pesquisa sobre o ensino de arte, ainda é possível observar um distanciamento entre o que se pesquisa nas universidades e o que é feito nas escolas, bem como a intencionalidade das políticas públicas, que impõem avaliações por vezes desconexas da realidade e pressionam as instituições escolares por números. Por fim, todo esse movimento acaba se rendendo ao interesse de mercado, no qual o sentimento que impera é o de que a educação deve ter aplicabilidade para a inserção imediata ao mundo do trabalho, priorizando a indústria.

Boughton (2010) defende o que ele chama de “avaliação autêntica”, em que a pasta de atividades é a protagonista. Conforme esse autor especificou, um compilado de atividades é capaz de dar subsídios para que o professor de Arte avalie com base em três critérios a qualidade dos trabalhos dos estudantes: 1) habilidade relativa para desenvolver e interpretar um tema; 2) nível de especialização e técnica; 3) relativa habilidade para atingir sensibilidade expressiva pessoal com o uso de várias técnicas e processos.

A proposta apresentada tem grande valor, porém não é possível ser executada nas escolas públicas da prefeitura de Goiânia, onde o professor de arte ministra aulas para mais de 10 turmas (esse é meu caso). O trabalho burocrático, que exige a produção contínua de relatórios, e a busca de índices positivos em avaliações internas e externas, por vezes, podam o trabalho docente e o mecanizam.

A PROVAZINE foi uma forma de avaliação em artes que usei como alternativa aos usuais testes. Ela é fruto de um processo que parte da prática artística de dimensão aprofundada, por ser professora/artista/pesquisadora afetada pela linguagem dos fanzines. Eles foram, na ocasião, a solução prática encontrada para

sanar um problema surgido em meu fazer docente e que coloca a experiência e a criatividade como protagonistas.

A proposta de instrumento avaliativo em artes visuais que aqui apresento pode ser facilmente transposta para qualquer área do conhecimento ou etapa do processo formativo, dentro ou fora da escola. Levando isso em consideração, é possível pensar a PROVAZINE dentro de um currículo integrado. Segundo Parson (2010):

O currículo integrado consiste, essencialmente, em ensinar para obter significado e compreensão [...] Trata-se de ensinar e de aprender determinados tipos de ideias com as quais nenhuma disciplina é capaz de lidar sozinha [...] A integração ocorre quando a aprendizagem faz sentido para os estudantes, especialmente quando conectam com os próprios interesses, experiências de mundo e de vida. Finalmente, é a mente do estudante que é integrada. É claro que, quando se diz mente, incluímos emoções, intuições, valores e experiências sensoriais (p. 296).

Importante destacar da fala de Parson que os processos que envolvem criatividade e experiência não são colocados em segundo plano. Eles devem ser elevados em grau de importância no processo avaliativo, sendo esses componentes fundamentais para pensar uma avaliação e seus critérios. O ensino de Arte e seus instrumentos avaliativos em um currículo integrado podem ter como objetivo conectar conhecimentos construídos em sala de aula para que os estudantes pensem acerca de problemas reais da vida, em especial os problemas que enfrentamos enquanto sociedade. Na minha proposta, as visualidades (que bombardeiam o dia a dia dos estudantes) são componentes-chave para a construção estética criativa e imaginativa da PROVAZINE.

Como herança positivista, a necessidade de categorização é quase que item obrigatório para a construção de qualquer tipo de conhecimento. Porém, em um currículo integrado, pensar de forma isolada essas categorias desconsidera um sistema complexo em que as coisas são construídas e constituídas, sendo conquistas cognitivas e não propriedades do mundo (EFFAND, 2010, p. 325). A linguagem fanzinesca implica pensar e sintetizar pensamentos complexos para comunicar determinado conhecimento de forma plástica por meio de imagens, textos e diferentes técnicas artísticas.

Apresentar o Fanzine aos meus estudantes foi surpreendentemente positivo, pois eles demonstraram muito interesse. Na PROVAZINE, é necessário demonstrar de forma criativa e autoral o que foi apreendido dos conteúdos apresentados em sala

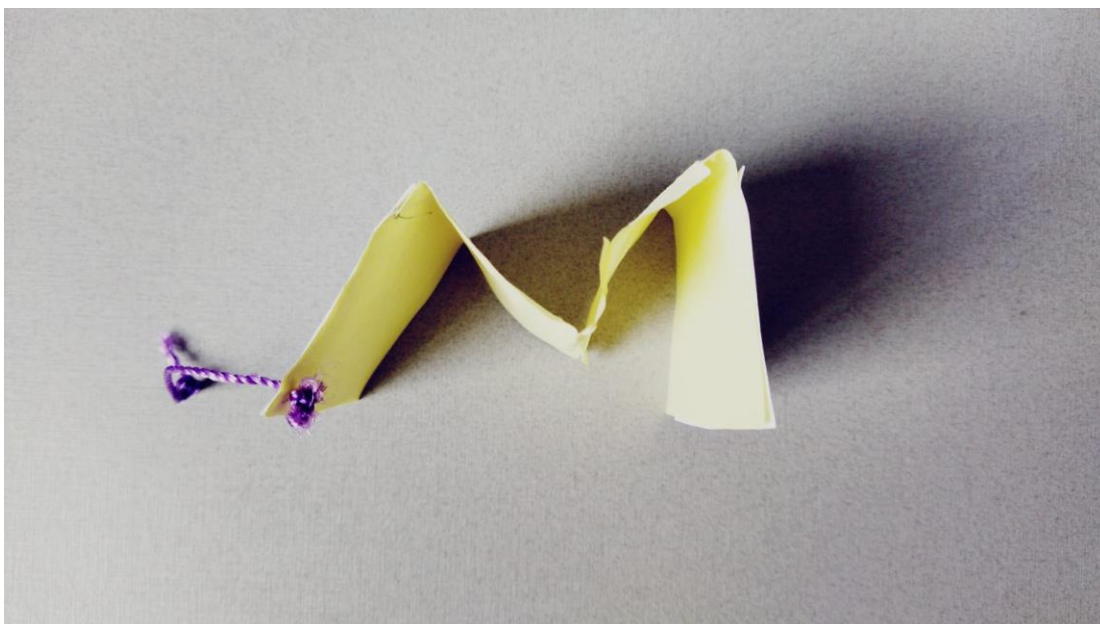
de aula e avaliar esses fanzines com base nos critérios que estabeleci. Sensação semelhante tive ao apresentar um trabalho na disciplina do professor Gazy Andraus, trabalho esse que deveria consistir em um seminário sobre um fanzineiro de escolha própria, no caso o zineiro Edgar Franco. Diferentemente do esperado, apresentei meu trabalho em formato de fanzines. Trouxe o fanzine como alternativa ao formato corriqueiro de seminário. Foi necessário sistematizar os assuntos discutidos na disciplina.

Eis a importância estabelecida entre a teoria que se aprende na academia e o que pode ser desenvolvido na prática em sala de aula. Essas experiências foram importantes, pois, no fim desse processo, levaram-me a reconhecer o caráter subversivo próprio da linguagem fanzinesca, em que o conhecimento e a arte não estão restritos a poucos, mas ao alcance de qualquer pessoa e livres para qualquer outra forma de intervenção ou criação. Isso se materializa no fanzine como instrumento avaliativo, sendo ele uma alternativa às avaliações escritas, que, embora entendidas como instrumentos de avaliações precisas, carregam ainda hoje formas estruturadas, fixas e de caráter quantitativo em detrimento da reflexão, desconstrução e criticidade de mundo.

Ainda hoje, assim como para os antigos fanzineiros, a arte dos fanzines requer criar, recriar, refletir e investigar possibilidades de imaginar a realidade, com novas formas de pensar o mundo e as coisas que o compõem. A PROVAZINE é a concretização de que é possível fazer isso como resistência ao modelo de escola e de ensino preestabelecidos, cujos vestígios são observados e vivenciados ainda hoje.

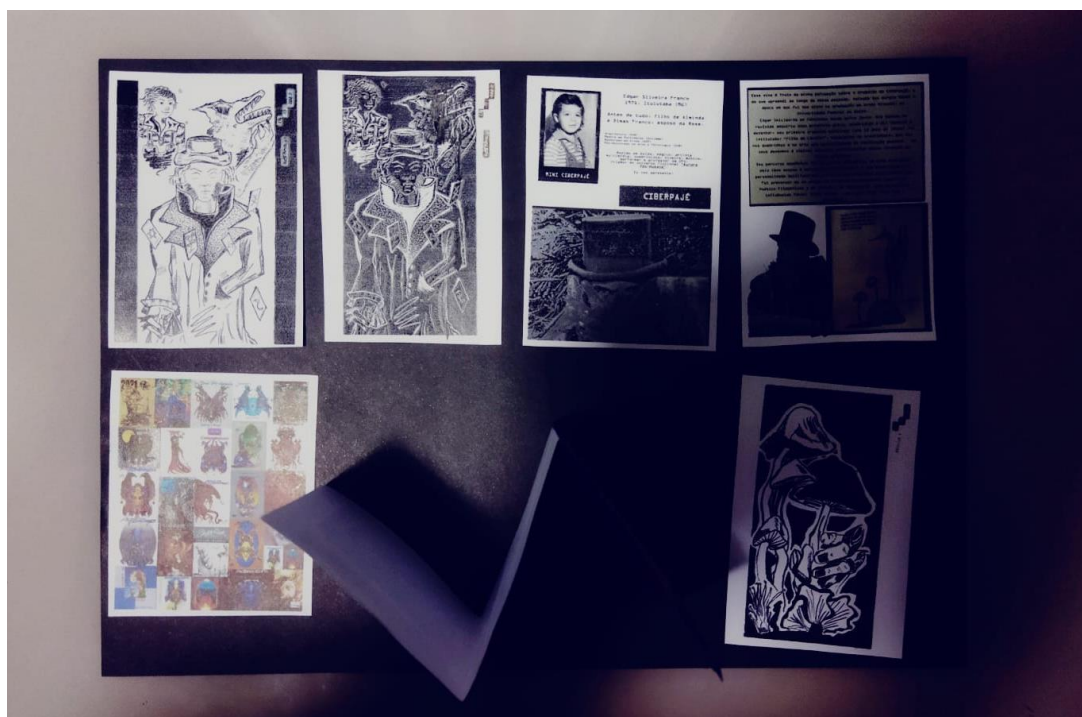
Um fanzine não se limita ao desenho, mas sim a todo o arcabouço que as visualidades podem estabelecer nesse processo criativo para comunicar, não apenas com imagens, mas também com palavras. Entendem-se as palavras como algo constituído de signo, significante e significado. Na interpretação a que aqui me refiro (DIDI-HUBERMAN, 2010), elas têm o poder de evocar outras imagens e estabelecer sentidos que perpassam memórias e afetos e, por consequência, fundamentam a poética e a intencionalidade do que cada estudante pretende comunicar, a partir dos fanzines feitos por eles e isso vai desde o estudo do boneco para a confecção de um fanzine (ver Figura 20 a 22).

Figura 20 - Imagem do estudo de dobra para um fanzine



Fonte: Elaboração própria (2021).

Figura 21 - Estudo de um boneco de um fanzine



Fonte: Elaboração própria (2021).

Na disciplina do Prof. Dr. Gazy Andraus, o objetivo da atividade foi apresentar um seminário sobre o trabalho de um artista fanzineiro (no caso, o artista Edgar Franco). Fiz o trabalho no formato de fanzine e trouxe essa linguagem para a sala de

aula como método avaliativo para as turmas da escola onde eu trabalhava naquele momento. Na imagem abaixo (Figura 22), é possível ver a construção desse fanzine.

A forma como sistematizo a construção de meus fanzines passa pela etapa da dobra. Nela, com um pequeno pedaço de papel, imagino como ficaria a forma do fanzine e como eu gostaria que o leitor manuseasse o objeto e sua leitura. Em seguida, faço a construção, edição, diagramação e impressão de cada página em formato de miniaturas, colando cada página que gostaria como frente e verso. Testo papéis, texturas e disponho essas miniaturas adaptando-as ao projeto inicial de dobra, aperfeiçoo e imprimo em tamanho definitivo. Quando testo a dobra, também elaboro a forma de encadernação, as lâminas e camadas de papéis. Faz-se necessário, também, um estudo anterior sobre quais imagens usar e qual a melhor forma de comunicar (gráfica e esteticamente) a mensagem (imagens, técnicas, poética e textos).

Figura 22 - Imagens do fanzine finalizado – capa e contracapa



Fonte: Elaboração própria (2021).

O processo de confecção do fanzine me demandou a madrugada do domingo do dia 24/10/2021, já que, na manhã de segunda-feira, precisava aplicar uma atividade avaliativa para minhas turmas na EM Pedro Ciríaco de Oliveira, porém não tinha preparado a prova. Aproveitei o ensejo e me engajei a levar o fanzine como avaliação daquele trimestre para os meus estudantes na ocasião. Da mesma maneira

que me dediquei para atender aos critérios estabelecidos pelo professor Andraus na atividade de seminário, vi no fanzine uma boa oportunidade para resolução do problema que me foi apresentado (partindo da experiência que vivenciei com o trabalho na disciplina).

Imprimi várias texturas, hachuras, palavras e desenhos que remetessem ao tema abordado naquele trimestre. Em sala de aula, pedi a meus estudantes que se utilizassem dos materiais que disponibilizei e criassem elementos visuais próprios (desenhos e textos) para que, de forma singular, demonstrassem o que compreenderam dos conhecimentos/conteúdos de artes, explanando cada item conceitual elencado.

Estabeleci o fanzine, a partir daquela experiência, como método avaliativo em minhas aulas. Entendi que esse instrumento tem grande potencial pedagógico-artístico, pois exige do, além de um processo criativo, a capacidade de entender e sintetizar os conceitos destacados por mim ao usar as visualidades e um ordenamento gráfico próprio para comunicar os conhecimentos adquiridos por meio da linguagem fanzinesca. Usei esse método em minhas aulas outras vezes e, desde então, intitulei-o de PROVAZINE.

Vejo nessa proposta avaliativa aspectos da Abordagem Triangular, sistematizada por Ana Mae Barbosa (2012), em que fazer/contextualizar/ver/contextualizar se permutam e se relacionam, deixando rastros e vestígios que levam em algum momento ao outro vértice. Esse processo se traduz visualmente como um rizoma que possui três pontos essenciais para a construção do conhecimento em arte.

Esses eixos existem e são representados pelos estudantes na experiência de fazer os próprios fanzines, na reflexão, na compreensão e na forma singular de como constroem seus fanzines. Isso é um reflexo das aprendizagens obtidas em sala de aula. A abordagem triangular também está presente nessa pesquisa, que, de forma híbrida e retroativa, permitiu-me como pesquisadora revisitar cada etapa e aprimorar esta investigação.

Ana Mae sistematiza, pela primeira vez, propostas contemporâneas para o ensino de arte, que reverberaram em políticas de formação de professores e de atuação docente voltadas à capacidade de interpretar, contextualizar, criticar, refletir e fazer. Esses pilares foram usados na própria metodologia que apresento como Pesquisa Baseada em Fanzines e que tem como um dos pilares essa retroalimentação.

Após a experiência, como trabalho final da disciplina de experiência artística e prática do ensino de arte na escola (abordagens metodológicas), ministrada pela Profa. Dra. Luciana Ribeiro, com a proposta de abordar a noção de experiência, dentre as várias discussões sobre esse conceito feitas ao longo da disciplina, sistematizei o que apreendi das leituras propostas e apresentei, por meio da linguagem dos fanzines, meu trabalho disponibilizado integralmente no Apêndice (Figura 23).

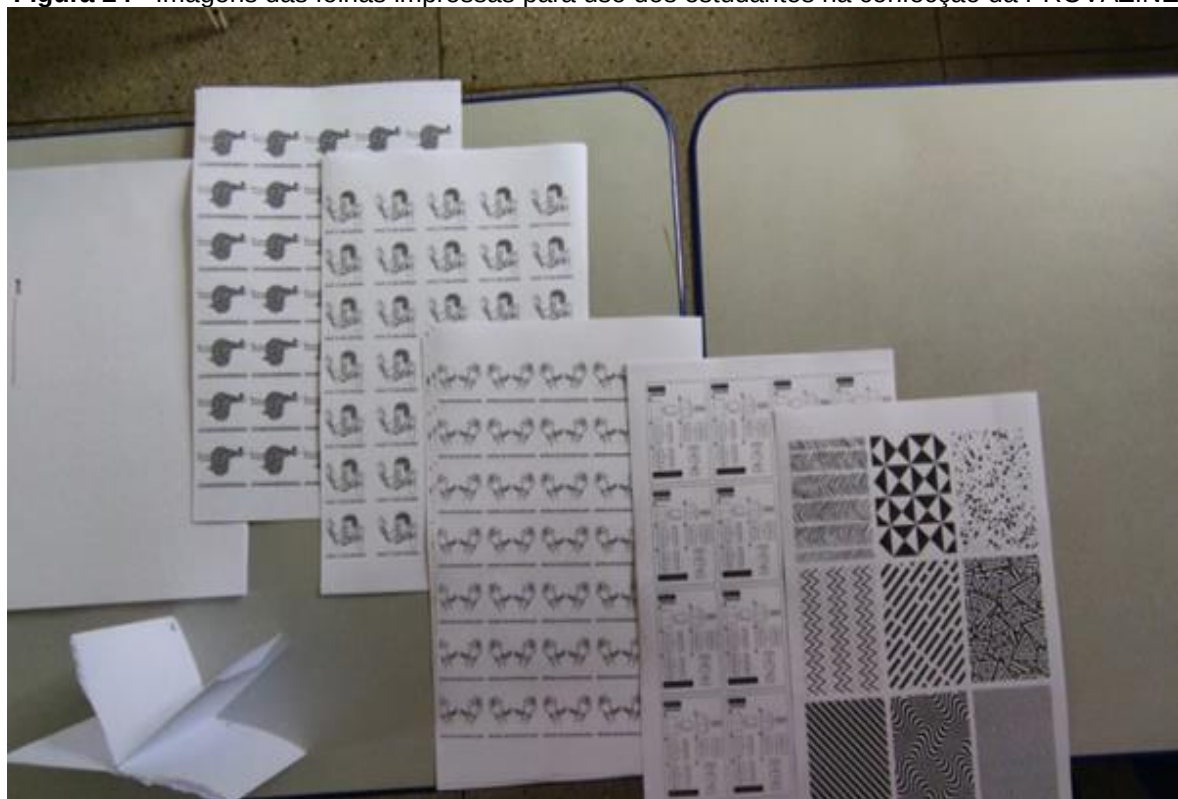
Figura 23 - Embrulho e frente e verso do Fanzine PROVAZINE.



Fonte: Acervo da autora (2021).

Na ocasião em que fiz pela primeira vez a PROVAZINE com os estudantes, elaborei instrumentos necessários, disponíveis para mim naquele momento. Imprimi uma sequência de folhas que continham os conceitos trabalhados, bem como imagens e ilustrações, disponíveis na internet (Figura 24), que remetiam ao tema. Tudo isso ficou disponível para uso coletivo.

Figura 24 - Imagens das folhas impressas para uso dos estudantes na confecção da PROVAZINE

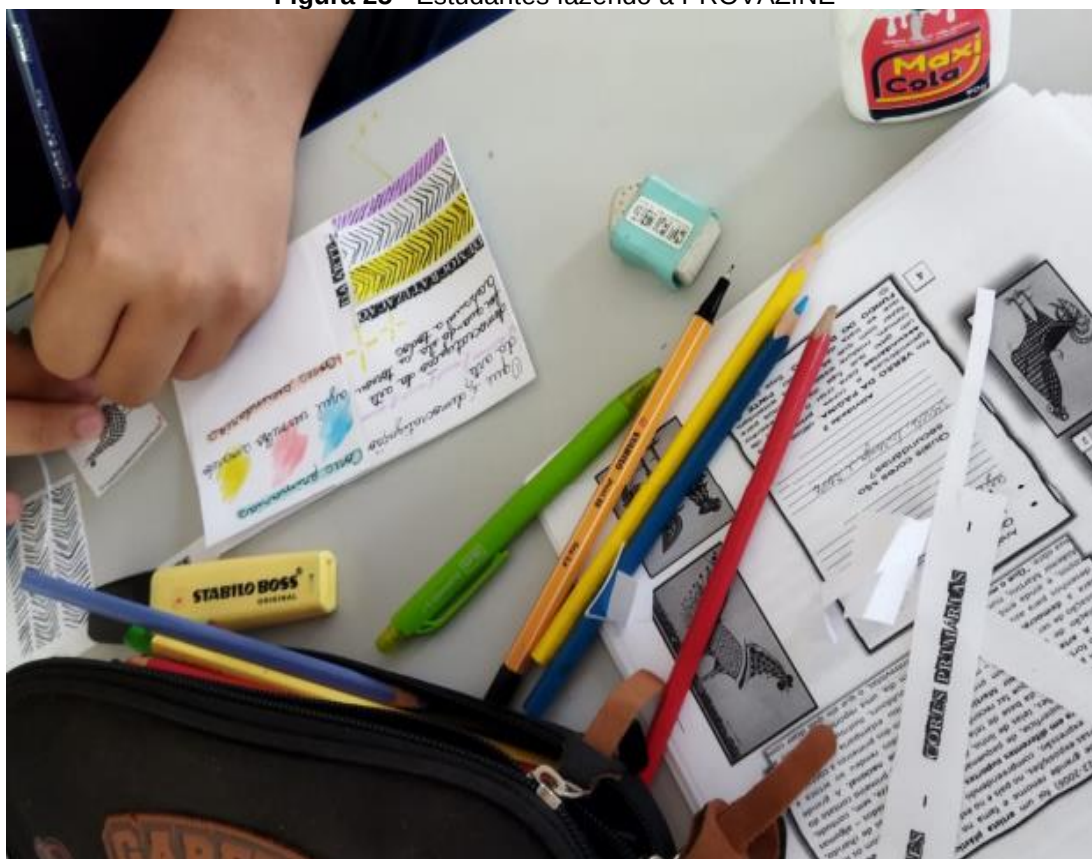


Fonte: Acervo da autora (2023).

Portanto, não é importante que as imagens ofertadas aos estudantes sejam diferentes, pois, como cada fanzine é feito por um indivíduo constituído de subjetividades únicas, as conexões estabelecidas por cada estudante diferem graficamente. Os fanzines não são iguais em forma ou conteúdo; cada um estabelece a construção plástica e visual que melhor o contempla.

Ao avaliar os fanzines feitos por meus estudantes, observei quais palavras, desenhos, imagens, visualidades, colagens e diferentes técnicas apareciam em seus fanzines e quais maneiras eles usaram para explicar de forma gráfica os conceitos norteadores trabalhados em sala de aula. As palavras norteadoras na avaliação, estabelecidas por mim na ocasião, foram: desconstrução da forma; escravo, escravizado; cores primárias; cores secundárias, positivo e negativo na gravura e texturas (Figura 25).

Figura 25 - Estudantes fazendo a PROVAZINE



Fonte: Acervo da autora (2023).

Com o intuito de sistematizar o método de avaliação em Artes Visuais por meio dos fanzines, que intitulo de PROVAZINE, estabeleci critérios avaliativos para sua análise e os dispus no quadro abaixo (ver Quadro 5).

Quadro 5 - Quadro referência dos critérios avaliativos para a PROVAZINE

QUADRO REFERÊNCIA DOS CRITÉRIOS AVALIATIVOS PARA A PROVAZINE	
Compreensão dos temas abordados	
Definir conceitos estudados a partir de palavras-chave e demonstrar isso graficamente como um reflexo da compreensão dos temas abordados. Portanto, é preciso analisar a coerência entre teoria e prática. É necessário, também, perceber como o estudante escolheu utilizar-se das visualidades e das técnicas aprendidas, bem como os recursos visuais que transitam do texto como imagem para a sistematização de temas complexos.	
Amadurecimento da habilidade de desenhar	
Propor, com os materiais disponíveis, um desenho livre no verso do fanzine (no caso do fanzine de uma folha e adaptar para o caso de artzine), percebendo as subjetividades e inferências que advêm das visualidades que o estudante obteve ao longo da vida.	
Criatividade	
A partir da construção visual e plástica que o estudante desenvolve em seu fanzine. Nesse critério, é possível observar, por exemplo, o aprimoramento do estudante no desenho, colagens, em elementos básicos das artes visuais, e como ele construiu harmonia ou mesmo o caos para sua criação sob a ordem estética que ele manifestou. Nisso consiste a originalidade e a autoria.	

Fonte: Acervo da autora (2023).

A partir desses critérios, é possível alcançar as habilidades definidas pelo currículo escolar e avaliá-las, utilizando o fanzine como meio para isso, independente de a escola possuir currículo integrado ou não. Esses saberes podem ser construídos e consolidados por meio do método de avaliação em arte aqui proposto e autoral, o PROVAZINE, podendo ser estendido para qualquer disciplina ou temática.

É possível revisitar materiais já trabalhados em sala de aula e repensar sobre o que foi feito, elaborar respostas mais precisas sobre conteúdos específicos, pois, para esta pesquisa, o mais importante é o pensamento que age e se cria como potência por meio de uma retroalimentação entre o contextualizar, o ver e o fazer, na construção do conhecimento em arte.

Portanto, é possível pensar a avaliação em Artes Visuais a partir de um currículo integrado, percebendo os fanzines como instrumento de grande potencial nessa perspectiva de ensino-aprendizagem, pois eles proporcionam experiências aos estudantes, tais como: imersão em seus processos criativos, o exercício de síntese, a liberdade autoral de comunicar e se expressar com base nos materiais e nas visualidades obtidas. Nesse sentido, a criatividade é ponto-chave.

Outro aspecto importante sobre a PROVAZINE é que a compreensão do conhecimento obtido nas aulas só faz sentido quando relacionado à realidade do estudante, portanto, são obras autorais que, como prova ou como objeto artístico na linguagem dos fanzines, possuem alto teor de complexidade e síntese como resultado dessa liberdade de construir conhecimento e que não deixam de habitar o campo da arte. Aponto também que, na tentativa de preservar a tradição fanzineira da fanzinada (troca de fanzines), após a correção das PROVAZINES, os estudantes trocam os fanzines uns com os outros. É simbólico no sentido da tradição, mas também tem seu valor quando se pensa que o conhecimento que se constrói deve ser compartilhado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa investigação buscou explorar o potencial dos fanzines no fazer docente de uma professora da Rede Municipal de Goiânia que também atua como pesquisadora e artista. Ao longo das diversas etapas, relato o percurso teórico, o processo criativo e minha experiência artística, que se desdobrou na elaboração de um instrumento pedagógico intitulado “PEDAGOZINE”, além de uma proposta de avaliação em artes, a “PROVAZINE”, que convergiram em uma perspectiva inovadora de investigação metodológica de uma Pesquisa Educacional Baseada em Artes que intitulei Baseada em Fanzines.

O PEDAGOZINE foi construído durante a imersão que fiz no ateliê de gravura do Instituto Federal de Goiás – Campus Aparecida, por meio da experiência artística e da leitura da história de Carolina Maria de Jesus. Esse instrumento assumiu o formato de uma caixa que continha fanzines de cunho pedagógico e instrucional e um tema norteador: questões interseccionais de raça, classe e gênero.

Para a análise do de uso e usabilidade desse objeto, foram aplicados questionários eletrônicos que foram analisados para o aprimoramento desse instrumento pedagógico. Colaboradoras participaram da pesquisa respondendo aos questionários e criando fanzines autorais, cujo estudo proporcionou estabelecer categorias de análise que ajudaram a fundamentar uma metodologia investigativa que intitulei: Pesquisa Baseada em Fanzines. As categorias são: Forma, Tema, Temática, Palavras que evocam imagens, Relação com o ensino de Arte e Relação com área de atuação profissional e Elementos abstratos. Todas essas categorias de análise visual proporcionam subsídios para uma análise de forma e conteúdo que levam a proposições poéticas, reflexivas e críticas do mundo da vida.

A problemática catalizadora dessa pesquisa foi a de buscar compreender de que maneira o fanzine, como possibilidade criadora, pode apresentar soluções didático-pedagógicas para a prática docente em artes visuais. Relacionando a experiência acadêmica e a experiência em docência, pude, para resolver questões do meu fazer docente, elaborar um instrumento avaliativo que propõe que estudantes façam fanzines de forma autoral para sintetizar temas complexos apreendidos em sala de aula. Elaborei parâmetros para a análise dessas avaliações, que também consideram as subjetividades e visualidades para a construção estética dos fanzines

e estratégias para a comunicação de ideias. Todos esses aspectos permeiam o desenho.

Foi possível, por meio dessa experiência, pensar que uma pesquisa pode ser pautada na criatividade e que, quando ela se eleva a uma reflexão crítica sobre o mundo, ela também ganha caráter subversivo, uma característica marcante na linguagem dos fanzines. Torna-se uma pesquisa que não se submete à normatividade das coisas e nela habita uma criatividade que se traduz em fanzines que se negam, de forma anárquica, a ser uma coisa só e se negam a estar presos em um tempo ou espaço e, em sua rebeldia frente às verdades impostas sobre o mundo, encontram caminhos para subverter essas duas dimensões e palavras de ordem.

Nessa perspectiva, os fanzines abriram vias metodológicas que permitiram unir uma pesquisa baseada em arte a aspectos da abordagem triangular para que por meio dessa experiência fosse possível elaborar categorias de análise mais aprofundadas em fanzines e considera também aspectos abstratos como um dos elementos descritivos. Para alcançar esse objetivo, foi necessário confeccionar um instrumento pedagógico que teve a prática artística como suporte e que levou à criação de uma proposta de instrumento de avaliação em artes visuais.

Após percorrer as diversas etapas, é possível compreender, a partir da análise das criações autorais dos fanzines, do diálogo com as professoras colaboradoras, das suas considerações e sugestões e da experiência em sala de aula com a PROVAZINE, que essa proposta pode ser introduzida em qualquer etapa de formação como uma alternativa aos métodos pedagógicos e avaliativos convencionais. Por meio da criatividade, subversão e liberdade estética, características da linguagem dos fanzines, é possível tratar de questões complexas, como raça, classe e gênero, e isso exige do fanzineiro sistematizar e comunicar essas ideias. Em outras palavras, o estudante passou pelo processo de aprendizagem e de construção do conhecimento para falar sobre aquilo que comunica em seu fanzine e que foi discutido em sala de aula.

Durante essa pesquisa a experiência de desenvolver um instrumento pedagógico e um instrumento de avaliação em arte possibilitou sistematizar e elaborar categorias que sustentaram a análise de dados na perspectiva de uma proposta metodológica de imersão artística atrelada à experiência docente que culminou na proposta de Pesquisa Baseada em Fanzines.

Esse estudo me afetou como professora, pesquisadora e artista, pois pude refletir de que maneira minha prática artística atravessou o meu fazer docente ao perceber esses processos dentro da perspectiva de uma pesquisa acadêmica. Sistematizar, delinear categorias para análise de fanzines com os dados que obtive durante o percurso investigativo e a imersão em ateliê me levaram a pensar uma metodologia indissociável ao meu eu docente e artista, além de refletir sobre a possibilidade dos fanzines como instrumentos pedagógicos e avaliativos. Vivenciar o processo formativo que essa pesquisa me proporcionou, me fez compreender que o potencial dos fanzines pode ser estendido para diferentes campos pedagógicos e investigativos.

REFERÊNCIAS

ANDRAUS, Gazy. **3D Imagens**. São Vicente-SP, vol. IV, 11 de janeiro de 2022, 12p. Disponível em: <https://marcadedefantasia.com/parceiros/gazyandraus/3dimagens/3dimagens4/3dimagens4.pdf>. Acesso em: 02 maio 2022.

ANDRAUS, Gazy. As histórias em quadrinhos poético-filosóficas brasileiras: um estilo sui generis nascido e desenvolvido nos fanzines entre 1980 e 1990. In: 5ª Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos da ECA-USP, 2018, São Paulo. **Anais das 5ª Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos da ECA-USP**, 2018.

ANDRAUS, Gazy; MAGALHÃES, Henrique. **Dossiê fanzines, artzines, biograficines**: publicações mutantes. Ebook. Goiânia: Cegraf UFG, 2021. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/Dossi%C3%AA_fanzines__artezines_e_biograficines_publica%C3%A7%C3%B5es_mutantes.pdf. Acesso em: 20 abr. 2023.

ANDRAUS, Gazy. **Zines e Artzines**: a arte das publicações paratópicas. In: Anpap - Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes, 2019, Goiás-GO. 28º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes. Goiânia-GO: Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), 2019. V. 28, p. 2305-2322.

BARBOSA, Ana Mae. Apresentação de um livro: redesenhando o desenho: educadores, política e história. **Revista Matéria-Prima**, v. 3, p. 20-36, 2015.

BARBOSA, Ana Mae. **Ensino da arte: memória e história**. 1. ed., 2. reimp. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BARBOSA, Ana Mae. **Teoria e Prática da Educação Artística**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1985.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**: anos 1980 e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BOUGHTON, Doug. Avaliação: da teoria à prática. In: BARBOSA, Ana Mae. **Arte/Educação Contemporânea**: consonâncias internacionais. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CAMARGO-BORGES, Celiane. Criatividade e imaginação: a pesquisa como transformação de mundo! **ARJ – Art Research Journal**: Revista de Pesquisa em Artes, [S. l.], v. 7, n. 2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/21300/13413>. Acesso em: 20 abr. 2023.

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravatura**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2005. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 20 abr. 2023.

DICIONÁRIO escolar Longman para estudantes brasileiros. 2. ed. Pearson Education Limited, 2009.

EFFAND, Arthur Doug. Imaginação na cognição: o propósito da arte. In: BARBOSA, Ana Mae. **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSSARI, Maria Felisminda de Rezende. **Metodologia do ensino de Arte: fundamentos e proposições**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

FRANCO, Edgar Silveira. Ilustração digital para o EP musical "Lira do Meio Século: uma opereta pós-humanista. **Blog Ciberpajé**, 14 abr. 2023. Disponível em: <http://ciberpaje.blogspot.com/2023/04/lancamento-ciberpaje-lira-do-meio.html>. Acesso em: 20 dez. 2023.

FRANCO, Edgar Silveira; FORTUNA, Danielle Barros. Transmídia e criação artística autoral: a aurora pós-humana. **Art & Sensorium: revista interdisciplinar internacional de artes visuais**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 148-160, 2015.

GALLO, Ivone Cecília D'Ávila. Punk Cultura e Arte. **Varia hist.**, v. 24, n. 40, dez 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-87752008000200024>. Acesso em: 02 maio 2022.

GONÇALVES, Fernando do Nascimento. **Performance: um fenômeno de arte-corpo-comunicação**. Logos (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 1, n.20, p. 76-95, 2004.

GUIMARÃES, Alexandre José. O desenho como ponte entre arte, artífices e ofícios na educação para o trabalho do século XIX: diálogos Brasil-Portugal. In: VIII Congresso Matéria-Prima: práticas das artes visuais no ensino básico e secundário, 2019, Lisboa. **Atas do VIII Congresso Matéria-Prima: práticas das artes visuais no ensino básico e secundário**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2019. V. VIII, p. 70-81.

GUIMARÃES, Edgard. **FANZINE**. 4. ed. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2020. 69p. Disponível em: <http://marcadefantasia.com/livros/quiosque/fanzine/fanzine4ed.pdf>. Acesso em: 02 maio 2022.

HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

KUTTNER, Paul J.; SOUSANIS, Nick; WEAVER-HIGHTOWER, Marcus B. How to Draw Comics the Scholarly Way: Creating Comics-Based Research in the Academy.

In: LEAVY, Patricia. (Org.) **Handbook of Arts-Based Research**. New York: Guilford Publications, 2017.

LARANJEIRA, Mariana Araujo; PASCHOARELLI, Luis Carlos; MENEZES, Marizilda dos Santos. **A experiência de uso com materiais no design de produto: Uma revisão integrativa sobre percepção do usuário**. In: Colóquio Internacional de Design 2020. Blucher Design Proceedings. São Paulo: Editora Blucher, 2020.

LOPES, Alice. **Teorias pós-críticas, política e currículo**. Educação, Sociedade & Culturas, Porto: CIIIE, n. 39, p. 7-23, 2013. Dossiê temático: Configurações da Investigação Educacional no Brasil. Disponível em: Acesso em: 10 jun. 2023.

PARSON, Michael. Currículo, arte e cognição integrados. In: BARBOSA, Ana Mae. **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Tadeu Tomaz da. **Documentos e identidades: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVEIRA, Guilherme Lima Bruno e. Relações entre espacialidade e temporalidade na construção de quadrinhos abstratos. In: II Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2018, Goiânia. **Anais do Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2018, p. 498-509.

SOUZA, Rodrigo Matos de. Rizoma Deleuze-Guattariano: representação, conceito e algumas aproximações com a educação. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE)**, n. 18, p. 234-259, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/resafe.v0i18.4546>. Acesso em: 02 maio 2023.

APÊNDICE A – ANÁLISE DE FORMA E DE CONTEÚDO DOS FANZINES DAS COLABORADORAS

Quadro 1. Quadro analítico e sistematizado dos fanzines da colaboradora Sandra

QUADRO ANALÍTICO E SISTEMATIZADO DOS FANZINES DAS COLABORADORAS	
FANZINE 1 - SANDRA	
FORMA	
O fanzine possui 8 páginas, 11 imagens, dobra de uma folha e a técnica utilizada foi colagem (imagens e textos) e hachuras.	
TEMA	
O tema abordado se refere às questões de Classe e, por meio das imagens, é possível identificar questões de raça e gênero vinculadas a proposta visual. Se concentra nas diferenças sociais e busca propor uma reflexão sobre consciência de classe.	
TEMÁTICA	
Fala sobre a exploração da força de trabalho, dominação e opressão vividas, e presentes ainda hoje, nas classes mais abastardas da sociedade. Atribui ao voto a função maior de transformação dessa realidade opressora. Em uma das imagens há uma mulher negra em um barraco de alvenaria, segurando painéis vazios. Por inferência, se interpreta dessa imagem uma mulher mantenedora de sua família que convive com a fome e o descaso da sociedade para com os mais pobres. O ex-presidente Lula (que está retratado em uma das imagens do fanzine), é um político que gerou identificação às massas por ele ter sido um trabalhador braçal de uma fábrica. Um líder sindical que se tornou o presidente do Brasil. Faz uma crítica evidente sobre a exploração da mão de obra do proletariado, o desemprego, a fome e a manutenção do status quo dessa cadeia sustentada por um sistema capitalista.	
PALAVRAS QUE EVOCAM IMAGENS	
Palavras importantes a serem destacadas deste fanzine e que evocam outras imagens são: “Contradições do capitalismo”, “Exploração do trabalhador”, “História”, “Explorado pelo Sistema”, “opressão”. Outro fato que destaco é que na maioria das imagens as pessoas são pretas.	
RELAÇÃO COM O ENSINO DE ARTES VISUAIS	
Não possui relação direta com o ensino de artes visuais, mas é clara sua influência para escolha das imagens e dos textos para comunicar a mensagem. Nesse sentido algumas imagens evocam reflexões, também, por meio da cultura visual. para comunicar a mensagem.	
ÁREA DE ATUAÇÃO DAS COLABORADORAS	
A área de atuação desta colaboradora é como pedagoga professora regente da primeira fase do ensino fundamental e coordenadora pedagógica.	

Fonte: Própria (2022)

Quadro 2. Quadro analítico e sistematizado dos fanzines da colaboradora Sílvia
QUADRO ANALÍTICO E SISTEMATIZADO DOS FANZINES DAS COLABORADORAS

FANZINE 2 - Sílvia	
FORMA	
O fanzine possui 8 páginas, 40 imagens, dobra de uma folha e a técnica utilizada foi colagem (imagens e textos).	
TEMA	
O tema está vinculado às questões de raça e gênero. 'No fanzine é possível identificar o ideal de sociedade, onde não deveria haver, no ponto de vista dela, diferenciação ou violência contra qualquer tipo de pessoa por motivo de raça ou gênero,	
TEMÁTICA	
O tema está vinculado às questões de raça e gênero. 'No fanzine é possível identificar o ideal de sociedade, onde não deveria haver, no ponto de vista dela, diferenciação ou violência contra qualquer tipo de pessoa por motivo de raça ou gênero, mas ao mesmo tempo no fanzine dessa colaboradora é usado o slogan familiar "somos iguais na diferença". Por vezes essa frase foi usada para minimizar o descaso com essa população e justificar a ausência de políticas afirmativas.	
PALAVRAS QUE EVOCAM IMAGENS	
Palavras utilizadas que merecem atenção: Igualdade (inferência de que os direitos e oportunidades são equiparadas, ou pelo menos deveriam ser), tolerância no contexto posto está vinculado à ideia de tolerância; diversidade (Como sinônimo e antônimo de igualdade (e esta, está atrelada à questão de gênero, conforme disposição de texto e imagem nas páginas referidas do fanzine); Deus (entidade que simboliza amor e união, mas ao mesmo tempo é motivo para cercear e condenar as pessoas que são marginalizadas por habitarem pontos de interseccionalidade);preconceito (como fator hierárquico e opressor está atrelado à questão de raça, conforme disposição de texto e imagem nas páginas do fanzine). É possível observar que o que se entende por diversidade como sinônimo de gênero, mas o maior enfoque do fanzine é na questão racial, quando pensamos na quantidade de páginas abordadas sobre esse eixo temático.	
RELAÇÃO COM O ENSINO DE ARTES VISUAIS	
Este fanzine não possui relação direta com o ensino de artes visuais, mas é clara sua influência para escolha das imagens e dos textos para comunicar a mensagem. Nesse sentido algumas imagens evocam reflexões, também, por meio da cultura visual.	
ÁREA DE ATUAÇÃO DAS COLABORADORAS	
A colaboradora é professora aposentada, trabalhou por mais de 20 anos na educação infantil em áreas periféricas de Goiânia. É católica e atuante na igreja. Talvez por isso a imagem de um deus cristão, no seu fanzine, ser sinônimo, (para ela) de amor, união e não discriminação.	

Fonte: Própria (2022)

Quadro 3. Quadro analítico e sistematizado dos fanzines da colaboradora Luciane

QUADRO ANALÍTICO E SISTEMATIZADO DOS FANZINES DAS COLABORADORAS	
FANZINE 3 - Luciane	
FORMA	
O fanzine possui 8 páginas, 13 imagens, dobra de uma folha e a técnica utilizada foi colagem (imagens e textos), texto manuscrito e hachuras.	
TEMA	
O tema abordado se refere às questões de classe e sua temática são as eleições 2022 no Brasil.	
TEMÁTICA	
É uma clara referência às perspectivas tão diferentes dos dois candidatos com maiores intenções de votos para assumir o governo do Brasil. De um lado as intenções da extrema direita, representada por Jair Bolsonaro e o movimento promovido por ele, o chamado “bolsonarismo”. Em oposição à ele está a figura de Inácio Lula da Silva e da esquerda e centro – esquerda presentes na política brasileira.	
PALAVRAS QUE EVOCAM IMAGENS	
Algumas palavras usadas neste fanzine chamam a atenção, são elas: esperança (palavra utilizada no slogan de Lula à presidência da república, com a promessa de um país melhor); voto (voto como direito e consequência de grande impacto na sociedade); ordem e progresso (lema da bandeira nacional. Seu significado foi atrelado, atualmente, a Bolsonaro. Para a extrema direita, a bandeira do Brasil é o emblema de Bolsonaro como líder, ao tentar passar (para as massas) a ideia de que a bandeira deve representar um símbolo de moralidade, patriotismo e defesa da moral tradicional. Virou uma insígnia para diferenciar os que são do partido de extrema direita, apoiadores desse candidato e qualquer cor oposta (principalmente a vermelha) é logo relacionada ao candidato adversário. Lula possui uma visão mais estadista, com programas assistencialistas e de inclusão das parcelas mais excluídas e discriminadas da sociedade. Logo, a bandeira que antes unia um povo, agora é símbolo de segregação); diversidade e representatividade (inferência de que um país não deve ser governado apenas sob o interesse de poucos, os detentores do poder, mas, para todos. Passa a ideia de que a representatividade e a diversidade são importantes, pois essas em situação de opressão também merecem ocupar espaços de poder e mudar o retrato branco, elitista e heteronormativo que rege o país) e laicidade (crítica clara à interferência incisiva da igreja no Estado, o que ficou conhecido no Brasil, como a bancada evangélica no Congresso Nacional e na Câmara Legislativa).	
RELAÇÃO COM O ENSINO DE ARTES VISUAIS	
Não possui relação direta com o ensino de artes visuais, mas é clara sua influência para escolha das imagens e dos textos para comunicar a mensagem. Nesse sentido algumas imagens evocam reflexões, também, por meio da cultura visual. para comunicar a mensagem.	
ÁREA DE ATUAÇÃO DAS COLABORADORAS	
A área de atuação desta colaboradora é como pedagoga professora regente da primeira fase do ensino fundamental e coordenadora pedagógica.	

Fonte: Própria (2022)

Quadro 4. Quadro analítico e sistematizado dos fanzines da colaboradora Sueleide

QUADRO ANALÍTICO E SISTEMATIZADO DOS FANZINES DAS COLABORADORAS	
FANZINE 4 - Sueleide	
FORMA	
	O fanzine possui 8 páginas, 31 imagens, dobra de uma folha e a técnica utilizada foi colagem (imagens e textos).
TEMA	
	O tema está inserido no campo da educação. A temática é sobre os direitos das pessoas autistas (Transtorno do Espectro Autista - TEA) frente ao Estado e seus instrumentos. Este fanzine, diferente dos demais, possui função instrucional.
TEMÁTICA	
	Tem por objetivo fazer com que o leitor conheça sobre o TEA, apresenta curiosidades, personalidades que possuem o TEA que desenvolveram muito bem suas habilidades, fala sobre os direitos dessas pessoas, diz sobre o papel do professor como mediador desses avanços cognitivos. Ao colocar exemplos da arte como potência criativa que esteve presente em grandes personalidades com TEA – artistas, políticos e cientistas, a autora tem por objetivo mostrar que é possível alcançar coisas para além do ordinário, para isso é preciso criar e nisso entra a Arte.
PALAVRAS QUE EVOCAM IMAGENS	
	Palavras usadas neste fanzine e que se destacam são: Arte e TEA (arte como potencial de desenvolvimento para portadores de TEA - a imagem que essas palavras evocam é muito pessoal. Observo, no dia a dia de sala de aula, que a arte realmente pode ser veículo de interação, criação e percepção para o mundo; isolamento (a dificuldade interpessoal e de relacionamento em ambientes de convivência social, também representa um obstáculo.
RELAÇÃO COM O ENSINO DE ARTES VISUAIS	
	O ensino das artes visuais é citado, mas enfoque maior é com a pedagogia. No entanto, é perceptível a influência do ensino das artes para escolha das imagens e dos textos para comunicar a mensagem, quanto para fazer o leitor pensar sobre a arte e sua potência para quem possui TEA. Nesse sentido algumas imagens evocam reflexões, também, por meio da cultura visual.
ÁREA DE ATUAÇÃO DAS COLABORADORAS	
	Esta colaboradora trabalhou com educação infantil por muitos anos e com questões administrativas na sede da Secretaria Municipal de Educação. Hoje é diretora de um Centros Municipais de Ensino Infantil (CMEI).

Fonte: Própria (2022)

Quadro 5. Quadro analítico e sistematizado dos fanzines da colaboradora Edilene

QUADRO ANALÍTICO E SISTEMATIZADO DOS FANZINES DAS COLABORADORAS	
FANZINE 5 - Edilene	
FORMA	
O fanzine possui 11 páginas, 1 poster, pop ups, 11 imagens, dobra de uma folha mesclado com recortes que atravessam folhas e colagem de páginas anexas. As técnicas utilizadas foram colagens (imagens que se performam em textos), pintura em aquarela e caneta e hachuras.	
TEMA	
O tema abordado é a questão de gênero.	
TEMÁTICA	
A temática se trata da liberdade de ser quem se é ou quem se quer ser.	
PALAVRAS QUE EVOCAM IMAGENS	
Borboletas, figuras abstratas e páginas envelhecidas que remetem ao tempo e ao amadurecimento da construção do indivíduo com sujeito.	
RELAÇÃO COM O ENSINO DE ARTES VISUAIS	
Não possui relação direta com o ensino de artes visuais, mas é clara sua influência para construção poética e visual das imagens e da forma com que essa colaboradora fez para passar a sua mensagem. Se tratando por tanto de um Artezine.	
ÁREA DE ATUAÇÃO DAS COLABORADORAS	
Professora Regente em Artes Visuais da Rede Municipal de Senador Canedo (GO) e do Estado do Goiás.	

Fonte: Própria (2022)

Quadro 6. Quadro analítico e sistematizado dos fanzines das da colaboradora Ludymilla

QUADRO ANALÍTICO E SISTEMATIZADO DOS FANZINES DAS COLABORADORAS	
FANZINE 6 - Ludmylla	
FORMA	
O fanzine possui 16 páginas, 15 imagens, encadernação de costura simples, a técnica utilizada foi colagem (imagens e textos), hachuras e texto manuscrito.	
TEMA	
O tema está no campo das questões das lutas de classes.	
TEMÁTICA	
A temática é sobre o surgimento dos movimentos sindicais. O fanzine relembra o processo histórico da construção do movimento sindical e das conquistas trabalhistas frutos de reivindicações em greves diversas ao longo da história do país. Através do surgimento dos sindicatos e da preocupação do trabalhador com a criação dos partidos comunistas. Fala sobre estatização como forma de preservar do Estado, e enfatiza a importância da intervenção dele nos diferentes setores da sociedade conferir direitos e deveres a qualquer pessoa, independentemente de sua raça, classe ou gênero, todos estão sujeitos à regras e merecem uma vida digna. É uma clara oposição frente a exploração do capitalismo	
PALAVRAS QUE EVOCAM IMAGENS	
Com relação as imagens ela destaca o rosto dos militantes resistentes à ditadura militar, símbolo maior de repressão a dignidade daqueles que questionavam o poder instituído neste país.	
RELAÇÃO COM O ENSINO DE ARTES VISUAIS	
Não possui relação direta com o ensino de artes visuais, mas é clara sua influência para escolha das imagens e dos textos para comunicar a mensagem.	
ÁREA DE ATUAÇÃO DAS COLABORADORAS	
A colaboradora na ocasião ainda ocupava o cargo de presidente do maior Sindicato de Goiás, o Sintego - Sindicato dos trabalhadores da educação. Funcionária licenciada por questões sindicais, ela atuou muito tempo com educação infantil e possui mestrado em Educação, foi diretora de um CMEI e, no sindicato, representa os professores do Estado e do Município de Goiânia em diferentes frentes. Atualmente voltou à função de Secretária Geral do sindicato.	

Fonte: Própria (2022)

APÊNDICE B – IMAGENS DO FANZINE PROVAZINE

Figura 1. Imagem de cada página do FANZINE PROVAZINE



Fonte: Própria (2021).

Figura 2. Imagem de cada página do fanzine PROVAZINE



Fonte: Própria (2021)

Figura 3. Faces do fanzine PROVAZINE



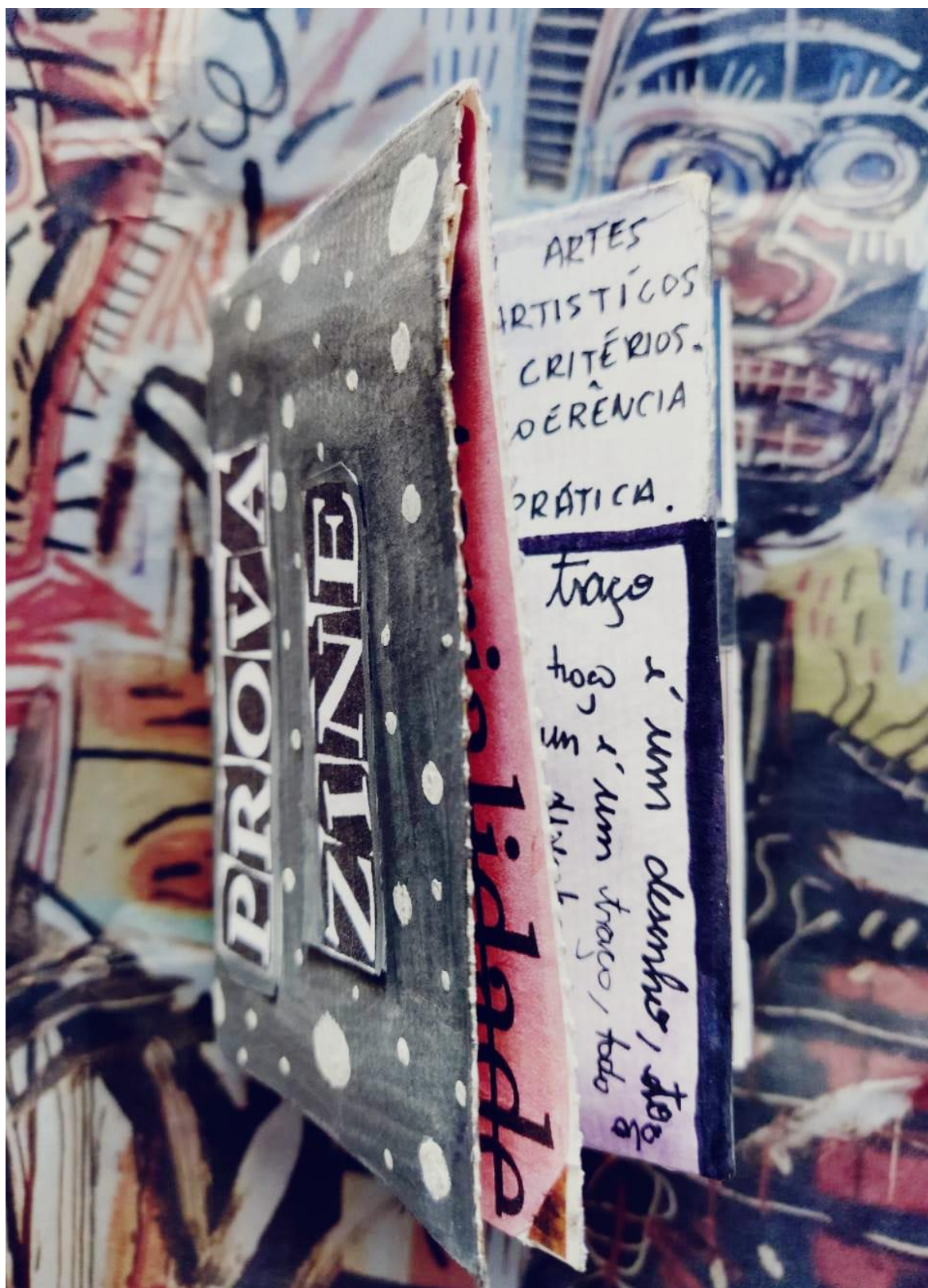
Fonte: Própria (2021)

Figura 4. Visão superior do fanzine PROVAZINE



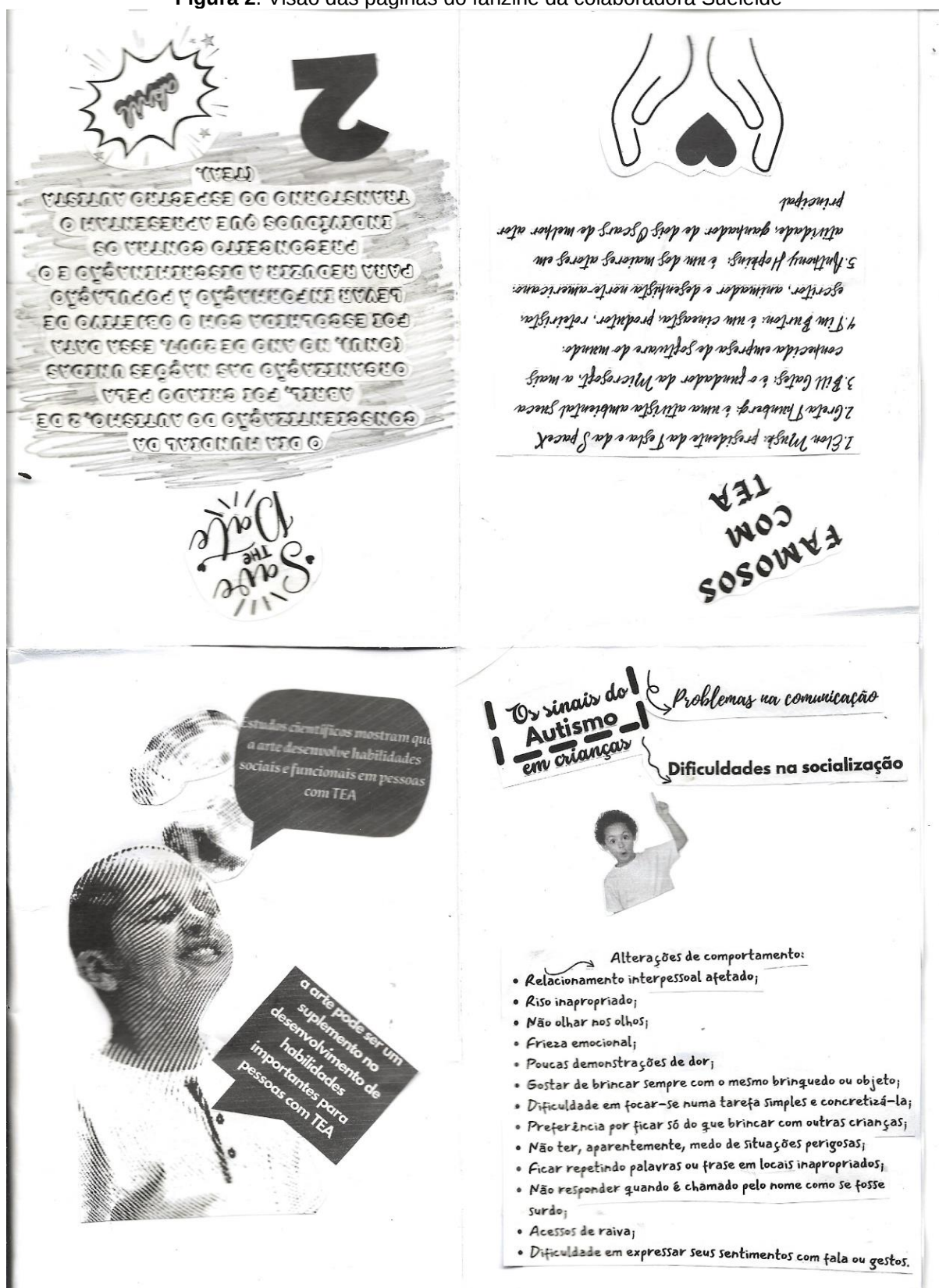
Fonte: Própria (2021)

Figura 5. Visão da capa do fanzine PROVAZINE



Fonte: Própria (2021)

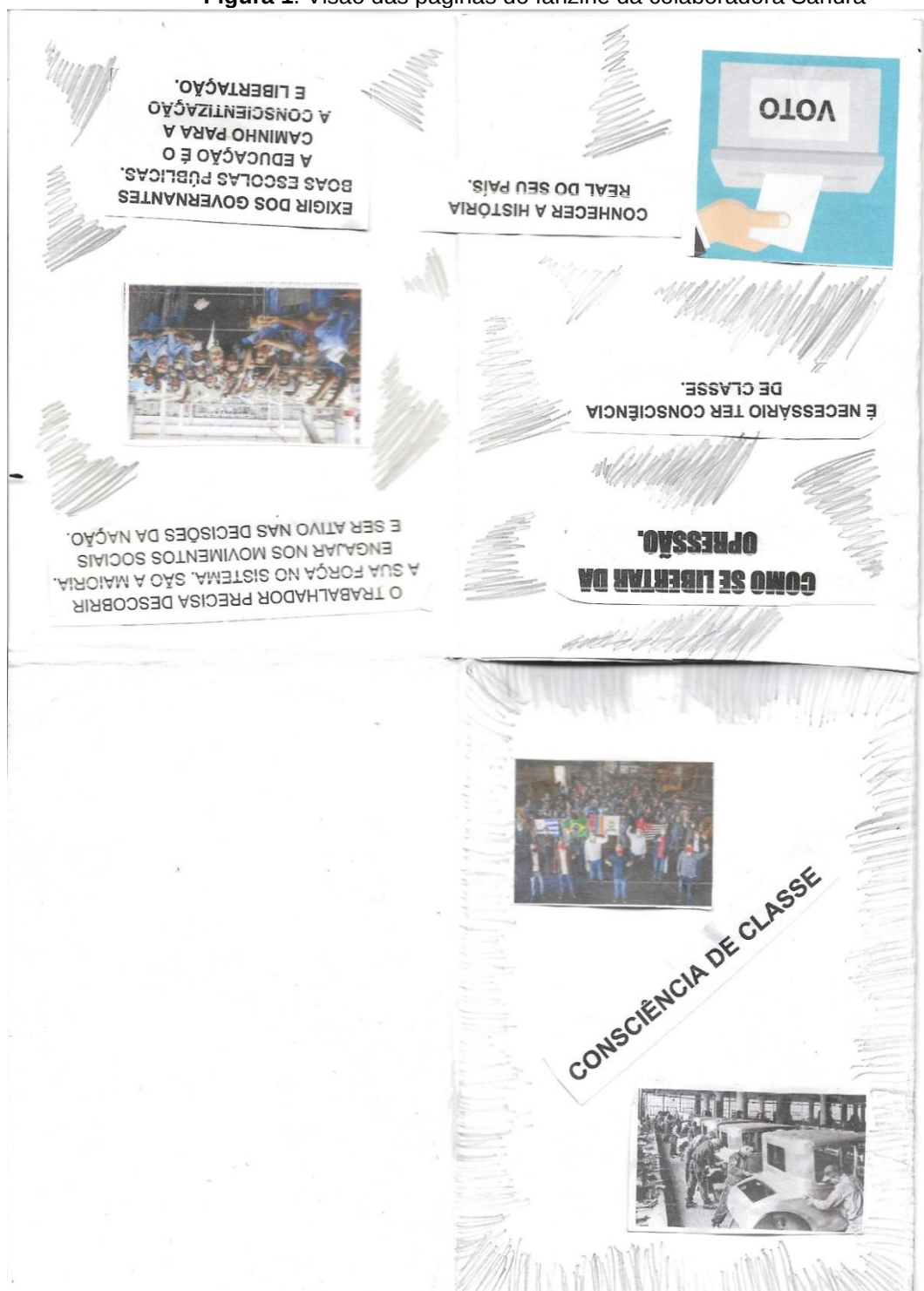
Figura 2. Visão das páginas do fanzine da colaboradora Sueleide



Fonte: Própria

ANEXO B – FANZINES DA COLABORADORA SANDRA

Figura 1. Visão das páginas do fanzine da colaboradora Sandra



Fonte: Própria (2022)

Figura 2. Visão das páginas do fanzine da colaboradora Sandra



Fonte: Própria

ANEXO C – FANZINES DA COLABORADORA SÍLVIA

Figura 1. Visão das páginas do fanzine da colaboradora Sílvia



Fonte: Própria

Figura 1. Visão das páginas do fanzine da colaboradora Luciane



Fonte: Própria (2022)

Figura 2. Visão das páginas do fanzine da colaboradora Luciane



Fonte: Própria (2022)

ANEXO E – FANZINES DA COLABORADORA EDILENE

Figura 1. Visão das páginas do fanzine da colaboradora Edilene



Fonte: Própria (2022)

Figura 2. Visão das páginas do fanzine da colaboradora Edilene



Fonte: Própria (2022)

Figura 3. Visão das páginas do fanzine da colaboradora Edilene



Fonte: Própria (2022)

Figura 4. Visão das páginas do fanzine da colaboradora Edilene



Fonte: Própria (2022)

Figura 5. Visão das páginas do fanzine da colaboradora Edilene



Fonte: Própria (2022)

ANEXO F – FANZINES DA COLABORADORA LUDYMILLA

Figura 1. Visão das páginas do fanzine da colaboradora Ludymilla



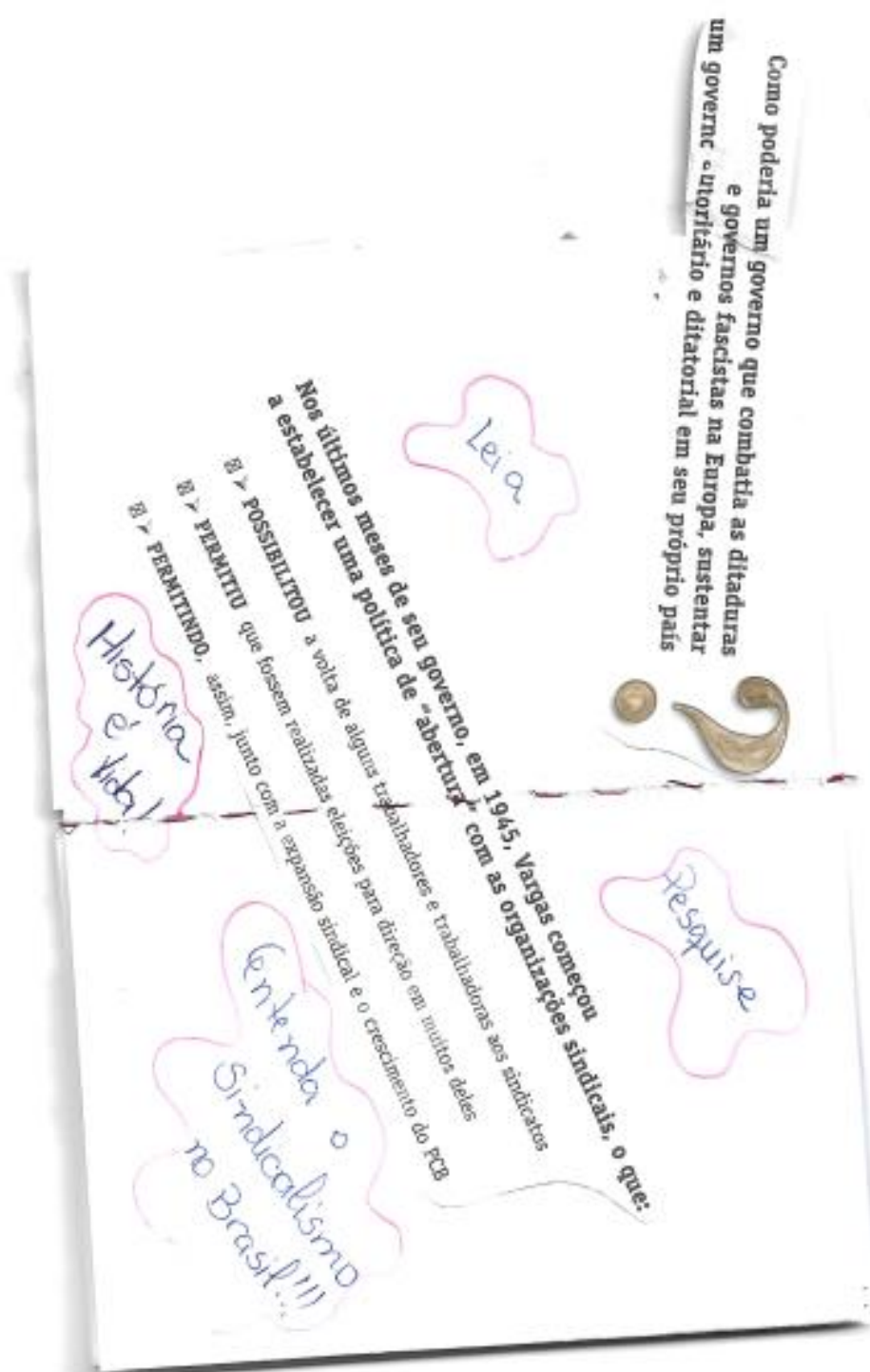
Fonte: Própria (2022)

Figura 2. Visão das páginas do fanzine da colaboradora Ludymilla



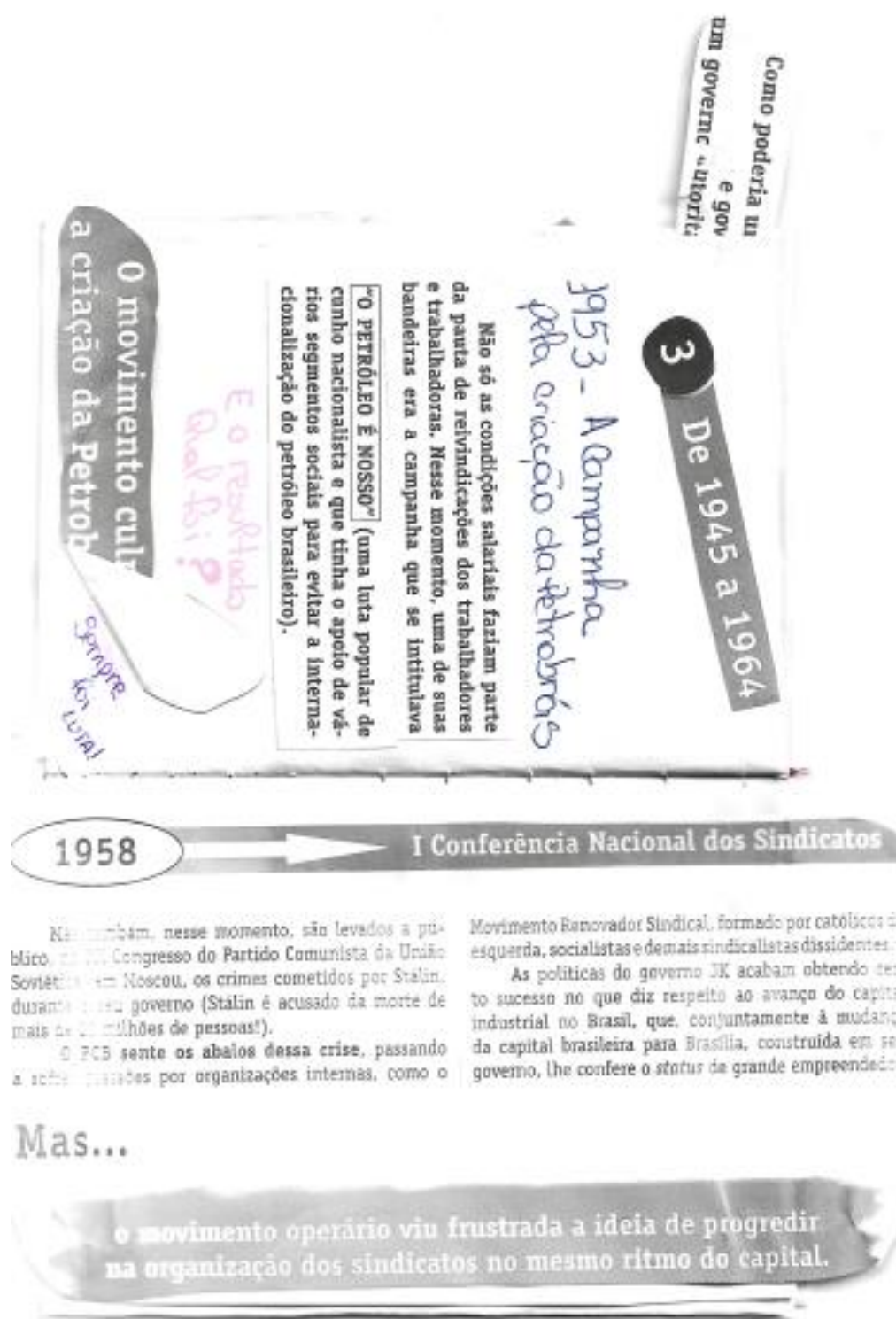
Fonte: Própria (2022)

Figura 3. Visão das páginas do fanzine da colaboradora Ludymilla



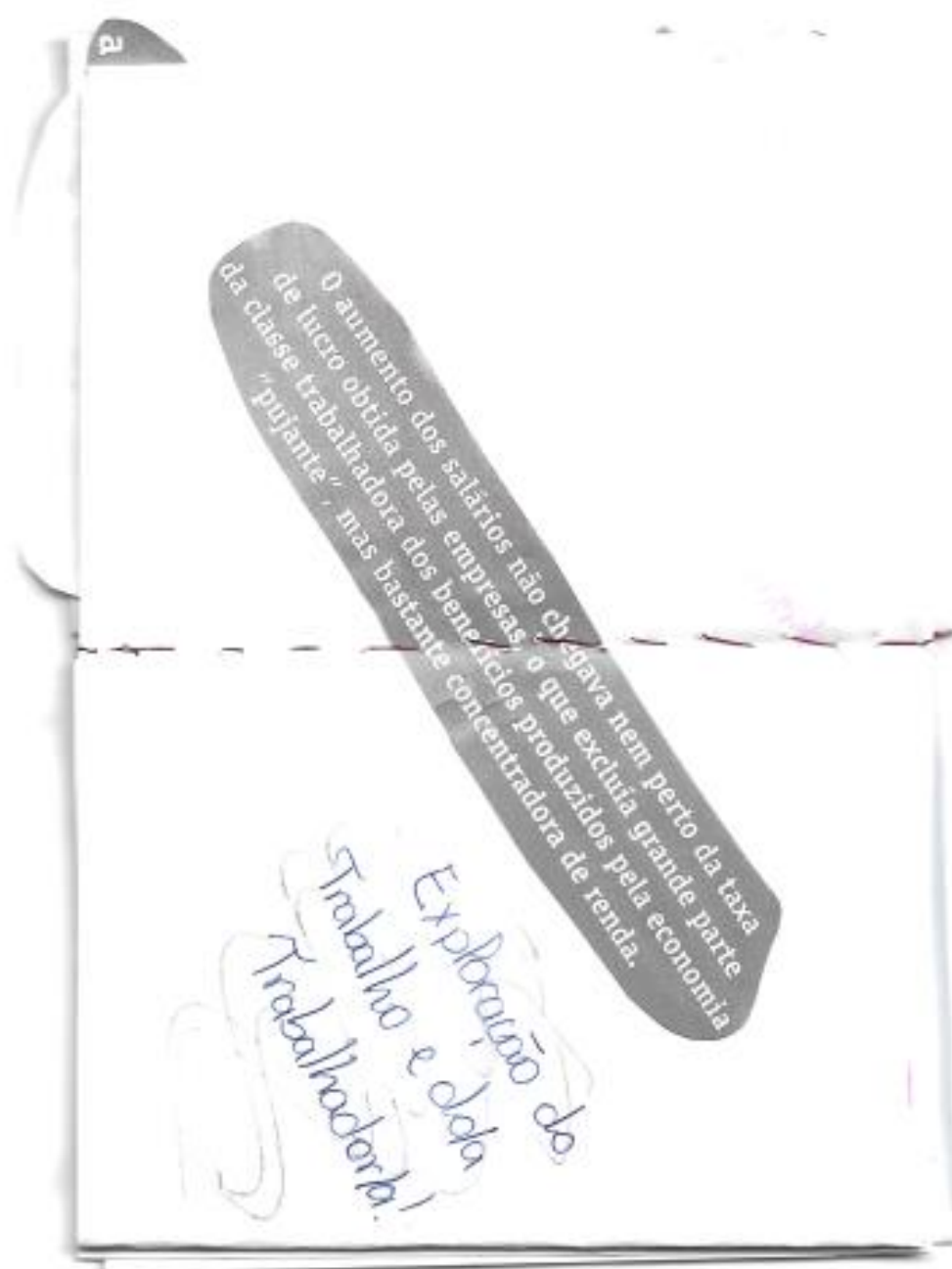
Fonte: Própria (2022)

Figura 4. Visão das páginas do fanzine da colaboradora Ludymilla



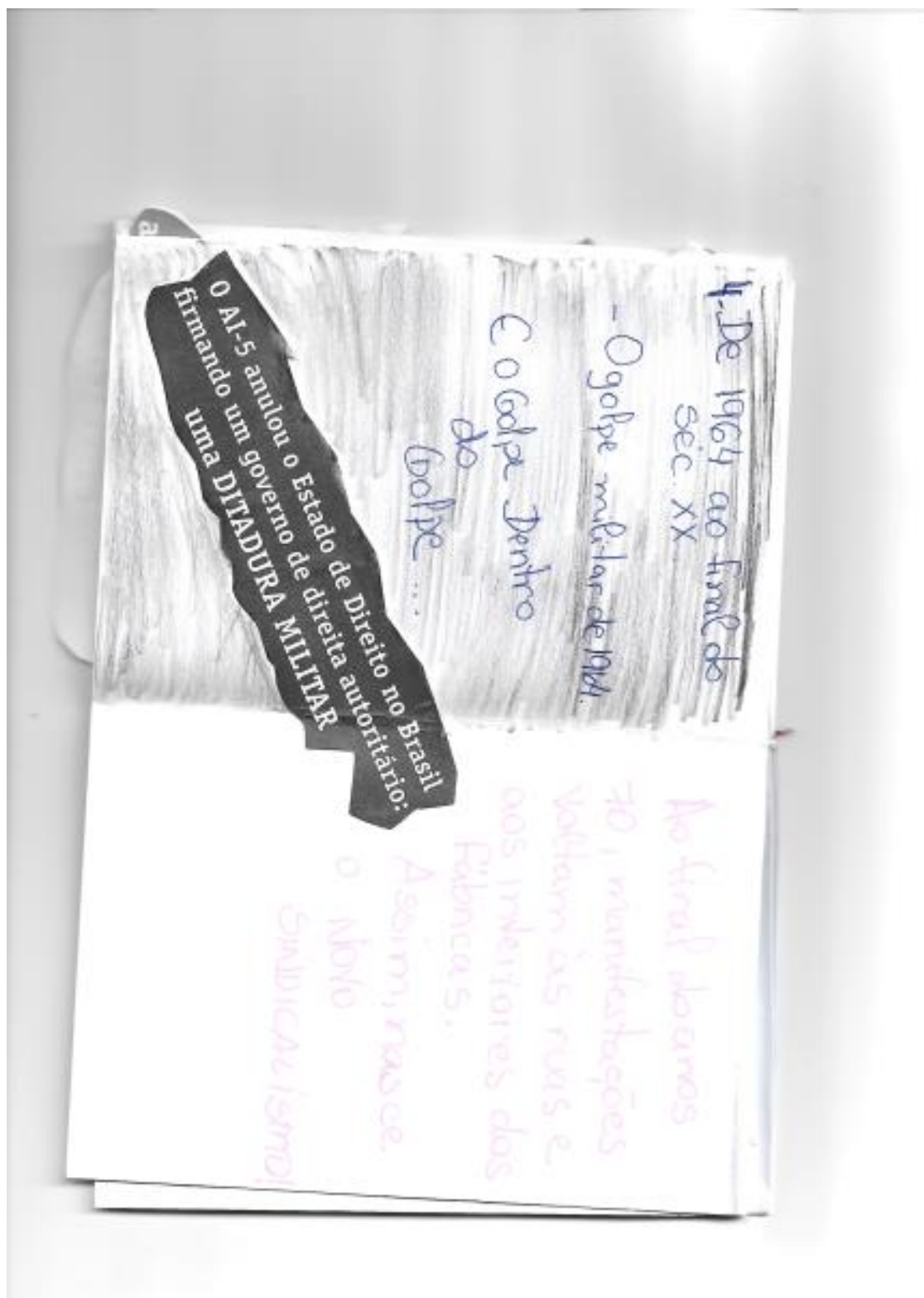
Fonte: Própria (2022)

Figura 4. Visão das páginas do fanzine da colaboradora Ludymilla



Fonte: Própria (2022)

Figura 5. Visão das páginas do fanzine da colaboradora Ludymilla



Fonte: Própria (2022)

Figura 6. Visão das páginas do fanzine da colaboradora Ludymilla



Fonte: Própria (2022)